



Gazeta das Aldeias

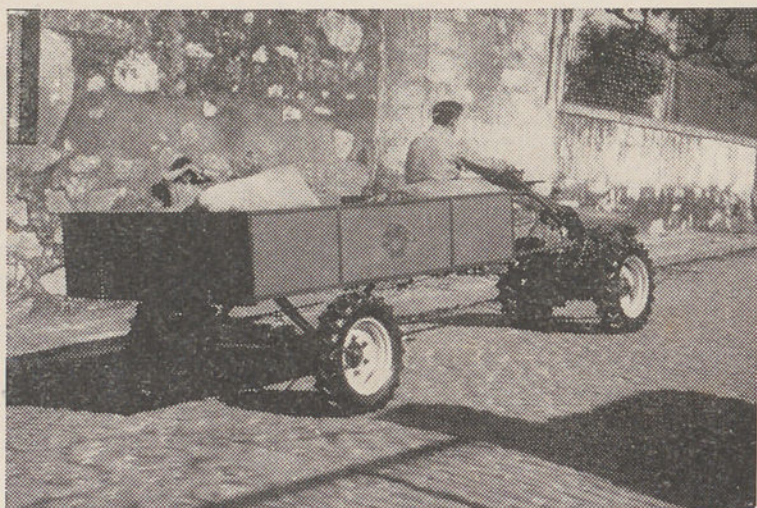
Sala

Est.

Tab.

N.º

Siga-me... Acompanha-nos a melhor Jénica!



Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... REBOCA 1.800 Kgs.

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ

Tractor T5-13 HP, um gigante com corpo de anão

- Motor Hatz, diesel
- 10 velocidades
- Via regulável entre 89 e 105 cms.

.....

As máquinas BUNGARTZ já trabalham desde o Minho ao Algarve.

.....

Consulte-nos sobre o equipamento que lhe convém.



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

75 - Galeria de Paris - 77

PORTO

Telef. 25397

Alimentos Concentrados



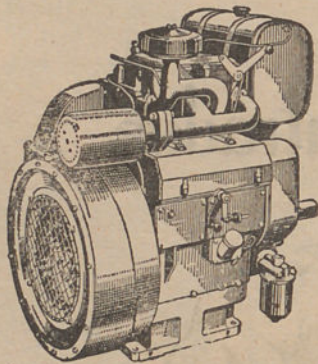
FARINHAS ALIMENTARES PARA GADO
SOJAGADO

SOJA DE PORTUGAL, LDA.

FABRICAS EM OVAR - TELEF. 63 • ESCRITÓRIOS: RUA DOS FANQUEIROS, 38-1.º - LISBOA

3609

Motores Diesel



RUSTON

OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LUGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.
 REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
 POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

HARKER, SUMNER & C.^a, L.^{da}
 PORTO — 38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18 — LISBOA

3074

O Caminho de Ferro
 é o transporte ideal, pois
 é seguro, rápido, prá-
 tico e económico.

1593

NOVIDADES * UTILIDADES

— mandarim —

2906

PORCELANAS * CRISTAIS * FAIANÇAS

Lisboa — 141-R. Augusta-145—Telef. 22407 (PBX)
 Porto — 12-Santa Catarina-20 — Telef. 27239



Sunda Elástica
 S/ MOLAS E S/ PELOTAS

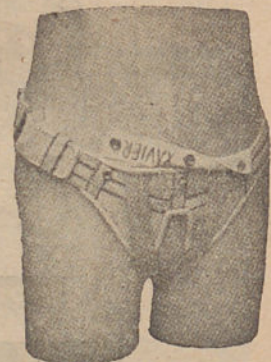
CASA XAVIER

Albino Pinheiro Xavier, Filhos
 ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165 — PORTO

Telefone, 22908

1701



**ÊSTE
 MEDICAMENTO**

GASTRO-SEDIL

Trata as doenças do **ESTÔMAGO**
 INTES- TINOS E FIGADO

À venda em todas as Farmácias

3384



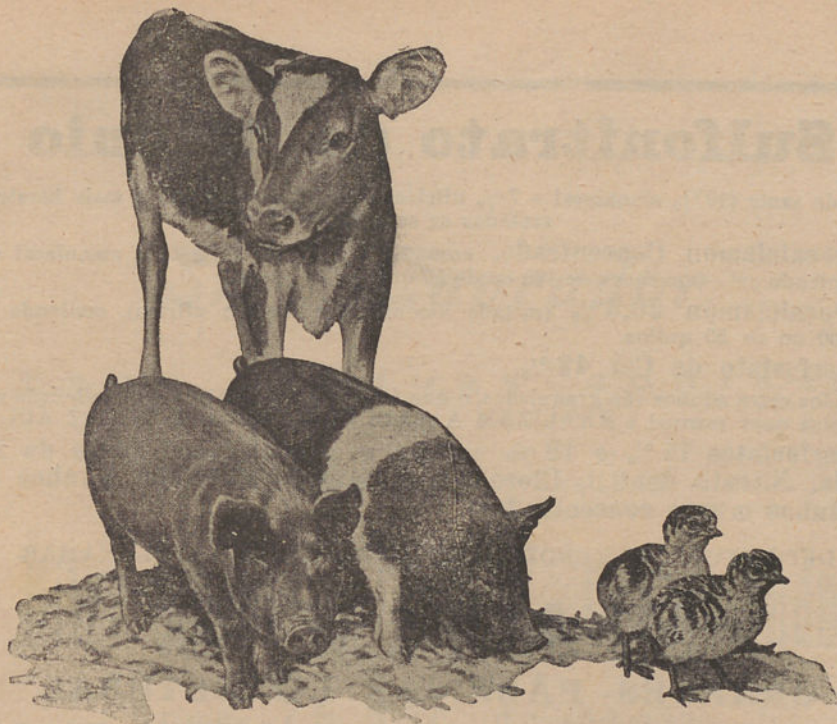
3047

A BOMBA QUE LHE RI SOLVE O ABASTECI-
 MENTO DE ÁGUA NA SUA HABITAÇÃO

AGENTE GERAL PARA PORTUGAL E ULTRAMAR

J. L. DUARTE DE ALMEIDA

RUA S. MIGUEL, 61
 PORTO-TEL. 26515



AUMENTE OS SEUS LUCROS

O **Aurofac*** é o produto que contém a Aureomicina*, (clorotetraciclina) e o seu uso permanente nas rações proporcionar-lhe-á:

- 1.º Diminuição da mortalidade;
- 2.º Mais porcos por ninhada;
- 3.º Aumento do índice de crescimento e de engorda;
- 4.º Mais aumento de peso;
- 5.º Menor consumo de ração.

5243

DANDO AOS PORCOS
RAÇÕES QUE CONTENHAM

AUROFAC*



O uso diário do **Aurofac** nas rações permite que os porcos atinjam os pesos de abate 2 ou 3 semanas mais cedo. O uso diário do **Aurofac**, nas rações, poupar-lhe-á tempo e dinheiro.

Utilize o **Aurofac** nas rações dos porcos e será largamente compensado

Peça ao seu fabricante ou fornecedor, rações contendo **Aurofac**

* *Marcas Registradas*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
30 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64—LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º—PORTO

Sulfonitrato de Amónio

com 26 % de azote (19 % amoniacal e 7 % nítrico) — um dos melhores e mais baratos adubos azotados de sementeira

Nitrocalciamon Concentrado, com 27,5 % de azote (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos.

Nitrocalciamon 20,5 % (metade amoniacal e metade nítrico), contendo cal — em sacos de 100 ou de 50 quilos.

Superfosfato de Cal 42 %.

— Todos estes adubos são granulados, o que facilita a sua mistura e distribuição no campo, quer mecânica quer manual e REALIZAM A MAIS ECONÓMICA E EFICAZ ADUBAÇÃO.

Superfosfatos 15 % e 18 % em pó e granulados, Sulfato de Amónio, Cianamida, Nitrato de Cal, Cloreto e Sulfato de Potássio, Adubos insecticidas, Adubos mistos concentrados.

DEPÓSITOS E REVENDADORES NO PAÍS, ILHAS E ULTRAMAR

S. A. P. E. C.

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL

LISBOA:

Rua Vitor Cordon, 19, 1.º

Telefs.: 366426-366427-366428 e 366429
30715-30716-30717

Telegramas «SAPEC» — Lisboa



AGÊNCIA NO PORTO:

Praça da Liberdade, 53, 1.º

Telefones: 23727 e 26444

Telegramas «SAPEC» — Porto

3630

O MELHOR CAFÉ
É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido. **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam
Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.ª

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Di.º

LISBOA



2652

SEMENTES

VER, OUVIR E CALAR... NÃO!

Veja, ouça... mas diga a toda a gente o que são e o que valem as nossas sementes. *Para semear já, recomendamos:*

ALFACES — COUVES PENCA — COUVES TRONCHUDA — COUVE LOMBARDA — COUVE BRÓCULO — COUVES FLORES — REPOLHOS — CENOURAS — RABANETES — ESPINAFRES — ERVILHAS DE GRÃO E DE VAGEM — FAVAS — PINHÕES — TOJOS — QUISTAS — TREMOÇOS — LUZERNA — TREVO ENCARNADO — TREVO SPADONI — TREVO BERSIM — TREVO DA PÉRSIA — EUCALIPTOS — LAWN-GRASS — RAY GRASS — ETC. ETC.

E TODAS AS VARIEDADES DE BETERRABAS PARA FORRAGENS

Se desejar semear e colher... prefira as sementes que, com todo o escrúpulo, lhe fornece

A «SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telef.: 27678 e 33715 — PORTO

Catálogo Ilustrado — Em distribuição grátis

1865



Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amóniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

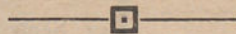
(Metade nítrico * Metade amóniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

3455

Pode applicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

L I S B O A

R. do Comércio, 49



P O R T O

R. Sá da Bandeira, 84

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

Sulfato de Amónio

DO

Amoníaco Português



É A SUA MARCA

3104

Granja Avícola Ria-Mar

Pintos e Patinhos

Raças de postura - Raças de carne

Leghorn Branca - New-Hampshire - White-Rock

Garrison (carne)

Khaki Campbell - Corredor Indiano

Peking (carne)

Costa Nova - AVEIRO - Telef. P.P.C. 23868

3621

Senhores Lavradores

A «CASA MALTA», fornece nas melhores condições:

Máquinas Agrícolas de todos os tipos

Adubos, Insecticidas e Fungicidas para todas as culturas e tratamentos, tais como: Acticupro, Ultraenxofre, Cobre Sandoz, Sulfato de Cobre inglês, Thiovit, etc., etc.

Sementes para Horta, Jardim e Pastos, incluindo bolbos recebidos directamente da Holanda, Jacintos, Narcisos, Iris, Tulipas, Ranúnculos, Anémonas, etc., etc.

No interesse de V. Ex.^a, consulte sempre

Malta & C.^a Lda.

Rua Firmeza, 519 - PORTO - Telefone, 20315

2037

Todos os produtos legalmente autorizados para a indústria vinícola.

VINHOS

Material de Adega e acessórios para todas as aplicações.

Material de laboratório, reagentes e análises

TUDO PARA A VITI-VINICULTURA

Consultar sempre: **A. DUARTE** (Organização Técnica de Enologia)
Rua do Arsenal, 84-2.º Esq. LISBOA - 2 Telefone, 366284

3593

OS PRODUTOS "SCHERING"



PARA TRATAMENTOS DE INVERNO

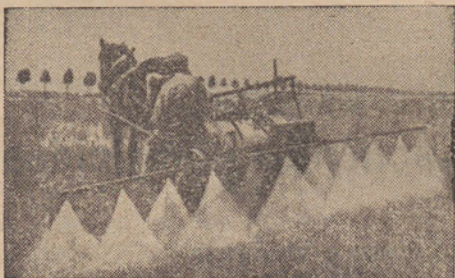
GILBOFORM "SCHERING":

Pó molhável contendo Dinitrocresol para o combate aos ovos e formas hibernantes de piolhos, psilas, lagarta da amendoeira, hiponomeuta, traças ou bichados da fruta, cochonilhas, mela, algodão ou ferrugem, das **vinhas e árvores de fruto**, bem como para a limpeza dos **troncos das oliveiras** de algas, musgos e líquenes.

CERA PARA ÁRVORES "SCHERING":

Cicatrizante rapidamente todas as fendas das árvores e das videiras resultantes da **poda, enxertia, frios, cancro, roeduras de ratos ou outros animais.**

PARA A MONDA QUÍMICA



Raphatox (50% de DNOC)

M52 «líquido» (sal de sódio do MCPA)

M52 «pó» (sal de potássio do MCPA)

OS HERBICIDAS IDEAIS PARA O COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, LDA.

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

2891

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS

ácido tartárico italiano Montecatini

“antiga marca appula”



Vinicultores

peçam aos seus fornecedores esta antiga
e acreditada marca

MONTECATINI S. G. Milano Itália
adubos - insecticidas - fungicidas

todos os produtos químicos para agricultura e indústria

Agente

EMANUELE BARABINO

Rua da Prata, 93-2.º esq. - LISBOA

2925

SUMÁRIO

Novos rumos	121
Éxodo rural — <i>eng. agrónomo</i> <i>Albarto Eduardo de Alarcão</i>	122
O casal de família — <i>Dr. António</i> <i>Maria Cwin Pinheiro Torres</i>	126
Sistema de estabulação livre — <i>eng. agrónomo Ramiro</i> <i>A. Ribeiro do Rosário</i>	128
A cava das vinhas é uma ope- ração indispensável ao bom êxito da cultura — <i>eng. agr.</i> <i>H. Bonifácio da Silva</i>	134
A horta, manancial de saúde e riqueza — <i>eng. agrónomo</i> <i>Valdemar Cordeiro</i>	135
Exposição Avícola do Porto . .	139
Tratamentos preventivos, e curativos, da casse oxidá- sica — <i>eng. agrónomo Pedro</i> <i>Núncio Eravo</i>	143
Avicultura — Raças puras ou cruzamentos? — <i>médico vete-</i> <i>rinário António Sérgio Pessoa</i>	145
Caça e Pesca — Ao retardador .. — <i>Almeida Coquet</i>	148
Secção Feminina	150
Mirante — <i>Conde d'Aurora</i>	151
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	152
— Viticultura	153
— Patologia vegetal	153
— Zootecnia	154
— Avicultura	155
— Direito rural	156
Informações	159
Intermediário dos lavradores .	160

A NOSSA CAPA

Mostra-nos a gravura da capa do presente número um trecho da Avenida de Montevideu, à Foz do Douro, formosa varanda da Cidade, aberta sobre a orla atlântica.

Ao centro, divisa-se a sugestiva figura escultórica denominada "O Homem do Leme".

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espa- nha) — mais,	50 %

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Júlio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

LUÍS GAMA

Engenheiro Civil de Obras Públicas e Minas (U. P.)

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 — PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS — PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º — PORTO

NOVOS RUMOS

NESTAS páginas, e em muitas outras publicações que acompanham com particular atenção os problemas que interessam à nossa economia rural, se tem posto em evidência a imperiosa necessidade de abandonarmos os velhos métodos de exploração da terra, seguidos desde há longos anos. Isto se tem dito e repetido, não apenas na Imprensa mas ainda em conferências, notáveis todas, proferida em vários pontos do País por categorizados técnicos, que, patrioticamente, na campanha em curso, se empenham.

Parece, no entanto, que o agrícola, preso a hábitos que vêm de antanho, conservador por temperamento, não admite nem concebe a conveniência, ou melhor, a necessidade da *revolução agrária*, em que tantos lhe falam, pondo em dúvida o que lê e não aceitando como boa doutrina o que ouve. E, no entanto, é mais que imperioso pôr de parte velhos processos, substituindo-os por outros mais produtivos, que torne mais alegre, mais rendosa a vida da grei rural. Essa transformação, porém, há-de dar-se, mais hoje, mais amanhã; e quanto mais de pronto se verifique, mais lucrarão os homens que vivem da terra.

Vieira Natividade, numa palestra proferida em Torres Novas a 1 Fevereiro do ano último, disse:

«A revolução agrária não é só inevitável; desencadeou-se já, se bem que nem todos déssemos fé disso, pouco atentos às pequenas transformações que à nossa volta se desenrolam.

Tenhamos a coragem de reconhecer esta tremenda verdade: a economia agrária tradicional, mantida em precário equilíbrio durante séculos, começa a desmoronar-se. A vida rural não é nem voltará a ser o que já foi. Não está nas nossas mãos deter a corrente do progresso social; inútil será fechar os olhos para não ver, tapar os ouvidos para não ouvir; parar, na ilusão de que não seremos empurrados, arrastados, vencidos por essa corrente impetuosa.

Nas nossas mãos está apenas, pela clara compreensão das realidades, colaborar nessa tarefa, ajustar a nossa mentalidade aos novos tempos e tornar menos difícil, menos longa e menos penosa a delicada adaptação, para que todos possam vir a usufruir uma vida melhor».

Aceitem os lavradores, de bom grado, a *grande verdade* contida nas primosas palavras de Vieira Natividade.



ÊXODO RURAL

3. A fuga dos campos...

— POR —

ALBERTO EDUARDO DE ALARCÃO

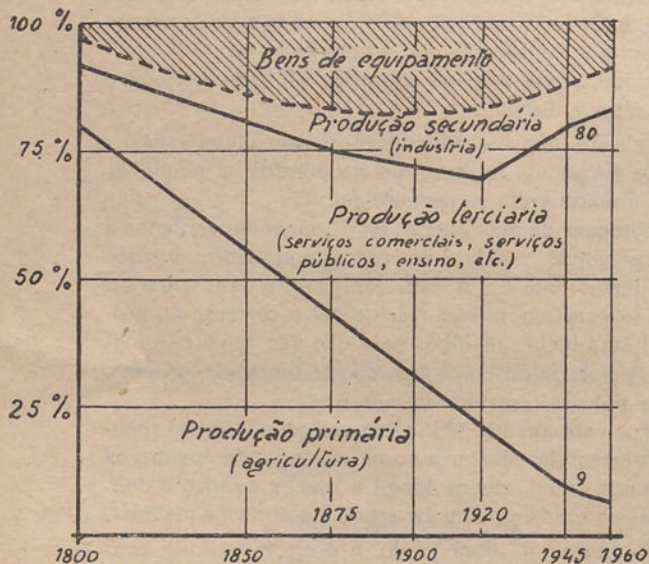
Engenheiro agrônomo

A procura de um equilíbrio perdido — o dos rendimentos médios individuais — vem o mundo rural por toda a parte tomando a defesa que se impõe, defesa que já não é hoje somente da actividade agrícola (ou do sector primário) para ser também, nos povos evoluídos, a do próprio sector industrial, em cujo seio se começa operando a terceira revolução técnica que acabará por afirmar o reinado da automação.

E à medida que diminui a contribuição de um sector das actividades económicas

GRÁFICO I

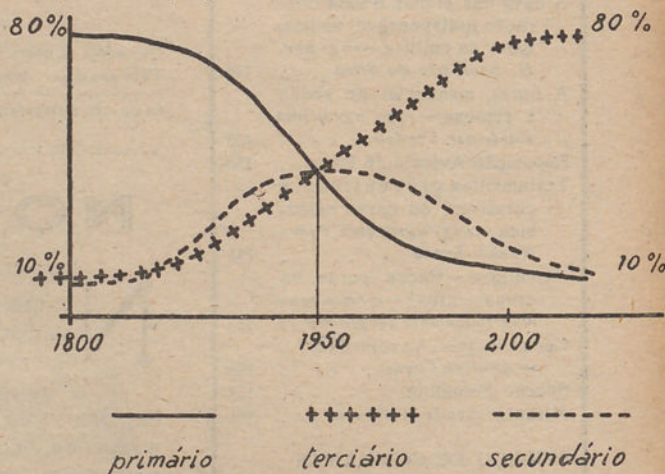
Estrutura do produto nacional bruto. (Tendência do movimento secular nos E. U. A.)



para o rendimento nacional — e vejam-se os sugestivos quadros de Fourastié — assim se reduz, com um certo atraso que a transferência de actividades exige, a representação dos seus profissionais na população activa das nações.

GRÁFICO II

Evolução do emprego dos trabalhadores nos três sectores



Assim, segundo o "Yearbook of Food and Agricultural Statistics" (F. A. O.) de 1956, eram as seguintes as percentagens da população activa agrícola em relação à população activa total, em 1937 e 1950:

QUADRO I

	1937	1950
Europa (s/ a Rússia)	36	33
América do Norte e Central:	35	31
América do Norte	25	20
América Central	70	67
América do Sul	62	60
Ásia (s/ a China Continental)	73	70
África	76	74
Oceânia	34	30
Mundo (s/ a China Continental e Rússia)	59	56
China Continental	73	70
Rússia	67	50
Total mundial	63	59

Vale no entanto bem a pena descermos desta análise ao nível dos grandes

espaços geográficos para o plano bem concreto das nações, e é isso que iremos procurar fazer nas linhas que se seguem.

Nos Estados Unidos da América, segundo dados de Colin Clark, uma profunda mobilidade profissional se vem operando:

QUADRO II

Anos	Actividades		
	Primárias	Secundárias	Terciárias
1820	73	12	15
1850	65	18	18
1870	54	23	24
1880	49	26	25
1890	43	27	30
1900	37	29	34
1910	32	31	37
1920	27	33	40
1925-34	24	30	46
1937	25	29	46
1940	19	31	50
1950	14	31	55
1960 (previsão)	12	28	60

Obs: Trata-se de valores arredondados das percentagens indicadas por Colin Clark.

A experiência americana documenta bem que a população activa tende a transferir-se das profissões primárias—"exaustivas, servis, sujas" como lhe chama Brousse (1)—para as secundárias e sobretudo para as terciárias, onde os homens podem usar "colarinhos brancos" e luvas...

E do sentido da evolução que se afirma, nas curvas que Fourastié tão bem traçou, pode mesmo perguntar-se se a humanidade não irá conhecer, com a "civilização terciária" de amanhã, uma nova fase de equilíbrio (muito embora dinâmico), do equilíbrio que a revolução industrial veio romper.

Mas não são já somente os valores relativos do sector primário, os que acusam uma forte quebra: os próprios valores absolutos dão-nos conta de um decréscimo da população empregue na

(1) Henri Brousse — Le niveau de vie en France, p. 31, Collection "Que sais-je?", 1949, P. U. F., Paris.

agricultura, falam-nos bem de um **êxodo agrícola** os valores do quadro extraído do "Statistical abstract of the United States" e citado por Castro Caldas em sua tese "Industrialização e Agricultura" ao II Congresso dos Economistas Portugueses:

QUADRO III

Anos	População actual agrícola	% em relação à população activa total
1820	2.068.958	71,8
1840	3.719.951	68,6
1860	6.207.634	58,9
1880	8.584.810	49,4
1900	10.911.998	37,5
1910	11.591.767	31,0
1920	11.448.770	27,0
1930	10.471.998	21,4
1930	10.161.212	20,9
1940	8.833.324	17,1
1950	6.837.652	11,6

Mas, "longe de se lamentarem, a maior parte dos economistas agrários (americanos) pensa que o êxodo agrícola não é ainda suficientemente intenso e que muitos outros deverão abandonar a terra para que a situação económica e social do sector seja sã" (1). E por a situação ainda o não ser, é que a percentagem da população activa agrícola não cessa de diminuir, sendo, segundo uma bem recente publicação da O.E.C.E (2), de

11,9 o/o em 1950
 11,3 » » 1951
 10,8 » » 1852
 10,1 » » 1953
 10,1 » » 1954
 10,2 » » 1955
 9,8 » » 1856

E estamos caídos num caso espantoso: 10 o/o da população americana alimenta os restantes 90 o/o da nação e, ainda encontra possibilidades de exportar

(1) Marc Latil — Obra cit., p. 91.

(2) O.E.C.E. — Statistiques sur la main-d'oeuvre agricole, 1958, O.E.C.E., Paris.

QUADRO IV

Grupos de actividade	1851	1872	1891	1911	1931	1946
Agricultura, pesca e florestas	64,4	49,2	44,5	41,3	35,6	36,0
Indústrias	27,4	26,1	27,9	35,3	34,2	29,6
Transportes		11,0	2,4		5,0	7,3
Comércio, bancos, serviços pessoais			10,6		10,8	12,3
Serviços domésticos	4,1	6,5	4,8	4,8	3,7	3,8
Profissões liberais e serviços públicos	4,1	7,2	7,8	7,8	8,6	11,0

para todo o mundo produtos agrícolas da mais variada gama.

Na França, segundo o estudo da "Évolution de la population active en France depuis cent ans", podemos concluir, como faz o autor, que o "grupo mais numeroso na população activa (...) é (...) o da agricultura, mas o seu peso diminui no tempo (...). Pelo contrário, a proporção de trabalhadores na indústria resta praticamente constante (31 o/o em 1856, 1901 e 1936, 30 o/o em 1946" e assim "os trabalhadores agrícolas cedem pouco a pouco o lugar aos trabalhadores do sector distributivo e das profissões liberais" (1); e, desde então, o processo de transferência profissional dos trabalhadores agrícolas para outras formas de actividade económica não cessa de se afirmar em números bem elucidativos:

32,8 o/o em 1950
31,8 » » 1951
31,6 » » 1952
31,5 » » 1953
29,5 » » 1954
28,9 » » 1955

Mas não são já somente os valores relativos ou percentuais que estão em crise; a própria população activa agrícola masculina tende a diminuir, pois que tendo atingido em valores absolutos 7.772 mil indivíduos em 1851 passou a 5.741 em 1896, a 5.061 em 1921, a 4.282

(1) Cahen—Évolution de la population active en France depuis cent ans, p. 251, revista "Études et conjoncture", 1953, P. U. F., Paris.

em 1936 e a 3.371 mil em 1954; em relação à população activa agrícola total (masculina e feminina) ter-se-á dado em França, segundo Valarché (1), a seguinte evolução:

1906—8.777.000	42 o/o	da população activa total
1926—8.129.000	38 » »	» » »
1946—7.391.000	36 » »	» » »

Na Bélgica, segundo Hubert d'Hérouville (2), a evolução histórica da população activa total por sectores de actividade económica foi a seguinte:

	Primário	Secundário	Terciário
1920	19,2	46,5	34,3
1930	17,1	48,1	34,8
1951	11	48	41

e, segundo elementos de Fernand Bauhuin, Castro Caldas pôde afirmar que "não haverá (...) somente nova orientação dos excedentes demográficos, mas êxodo da população agrícola, muito nítido" (3).

Na Holanda, segundo Penders (4), a população activa agrícola acusa um pe-

(1) Jean Valarché—La mobilité professionnelle des ruraux dans une société, pp. 66-67, Éditions Universitaires Fribourg, 1953, Suisse.

(2) Hubert d'Hérouville—L'économie mondiale, tableau XXVI, Collection "Que sais-je?", 1953, P. U. F., Paris.

(3) Eugénio de Castro Caldas—Obra cit., p. 16.

(4) J. M. A. Penders—Labour productivity in Netherlands agriculture, p. 143, revista "Fatis", 1957, Paris.

queno decréscimo, em valores absolutos, desde o início do século; e dos 500.000 indivíduos activos actuais pode descer, no futuro, a 400 mil. Por outras palavras, interessando a agricultura, em 1850, 45 o/o do total da população activa masculina, já em 1900 sòmente lhe correspondiam 30 o/o, em 1947 20 o/o, em 1950 15 o/o; e pode descer a 10 por cento num futuro próximo, do qual já hoje se não deve afastar muito, pois que os valores mais recentes são da ordem dos 11,8 o/o em 1955 para a população activa agricola total.

No Reino Unido temos, por sectores, a seguinte evolução da população activa:

	Primário	Secundário	Terciário
1921	6,8	47,5	45,7
1931	5,6	46,2	48,2
1939	4,8	45,5	49,7
1951	4,9	47,6	47,5

pesando hoje (1956) as actividades agrícolas com 4,5 o/o; em valores absolutos, a população activa agricola teria passado de 3,5 milhões em 1841, a 2,5 milhões em 1881, a 1,4 milhões em 1931 e a 1.160.000 em 1951.

Na Suíça, segundo Valarché (1), a população activa agricola passou de 1.033.000 em 1900 a 865.000 em 1930; mas, de acordo com o Anuário Demográfico da F.A.O., de 21 o/o da população activa total em 1930, ainda desceu para 19 o/o em 1950.

Na Finlândia

	Primário	Secundário	Terciário
1920	69	12,8	18,2
1930	64,6	14,6	20,8
1940	58,6	18,9	22,5

Na Noruega

	Primário	Secundário	Terciário
1920	37,1	25	37,9
1930	35,3	26,5	38,2
1939	39,0	20,3	40,7
1950	32	32	36

(1) Jean Valarché — Obra cit., p. 69.

Na Suécia

1920	40,3	30,8	28,9
1930	35,6	31,7	32,7
1940	28,8	35,6	35,6
1945	24	37	38
1950	20	41	38

Na Dinamarca

1921	34,9	26,9	38,2
1930	35,3	27,1	37,6
1940	28,5	32,2	39,3
1950	25	35	40

Na Alemanha

1882	43	37	20
1907	35	40	25
1925	30,5	41,2	28,3
1933	28,9	40,4	30,7
1939	27,3	41,5	31,2

Na Holanda

1920	23,6	37	39,4
1930	20,6	38,1	41,3
1947	16	35	49

Na Itália

1881	57	26	17
1901	59	24	17
1921	56	24	20
1951	41	33	26

No Canadá

1921	35	28,6	36,4
1931	31,2	26,6	42,2
1941	29,2	31,2	39,4
1951	20	35	45

Na Índia

	P. imário	Secundário	Terciário
1921	77,5	11,5	11
1948	68	14,5	17,5

Na Austrália

1921	23	34	43
1933	18,2	29,3	52,5
1947	15,5	34	50,5

valores estes tirados ou da obra já citada de Hubert d'Hérouville ou de "La répartition du revenu agricole" de Marchal e Lecaillon (1)

(Continua)

(1) Jean Marchal e J. Lecaillon — La répartition du revenu agricole, Vol. I, p. 121, Éditions M. — Th. Génin, 1958, Paris.

O CASAL DE FAMÍLIA

Pelo DR. ANTÓNIO MARIA OWEN PINHEIRO TORRES

1. A pequena propriedade surgiu como consequência da Revolução Francesa.

Todas as Revoluções têm os seus suportes numa determinada classe social. E esta apoiou-se na burguesia como, mais tarde, a Revolução Russa no operariado. Sendo assim, necessário se tornava fortalecer e aumentar essa burguesia e a melhor solução foi encontrada na transformação dos pequenos trabalhadores em pequenos proprietários, na certeza de que, por esse facto, rapidamente ficavam imbuídos do chamado espírito burguês. Dai, a alienação dos vastos bens rurais do Estado e a redistribuição dos domínios confiscados ao clero e nobreza. Em Portugal as mesmas ideias dum Estado-de-Direito Liberal acabaram por vingar no primeiro quartel do século XIX. E, embora mais reduzidamente, os mesmos factos se deram, e de igual modo surgiu um enorme aglomerado de minifúndios, principalmente localizados a norte do País.

Mas uma transformação tão radical das concepções politico-sociais não trouxe só consigo o aparecimento dessa pequena propriedade. Transformou também, e profundamente, as instituições jurídicas, pondo em perigo um equilíbrio que se mantinha há séculos. Assim é que, por exemplo, foram modificadas as normas sucessórias e surgiu o instituto de legitima, pela qual, pressupondo-se ser ou dever ser essa a vontade do *de cuius*, determinados parentes tinham necessariamente de ser chamados à sucessão dos bens deixados, distribuindo-se em partes iguais por cada *grupo* de sucessores a totalidade ou determinada percentagem desses bens. E com o tempo, a pequena propriedade foi-se desintegrando para dar lugar a minúsculas parcelas de terreno de quase

nulo valor económico, cujos rendimentos não dão sequer, em muitos casos, o suficiente para o sustento, de quem os possui, por mais de um mês.

E logicamente, a essa desagregação sucede-se toda uma série de consequências económicas e sociais que acabariam por despovoar os campos, se não se procurassem soluções.

Desde a hipoteca sobre o pedaço de terra herdado, para fazer face aos gastos de família, bem explorada pela usura organizada, desde a consequente emigração para terras mais ricas ou para as cidades sempre cheias de atractivos, as mais das vezes bem illusórios, até ao abandono total da terra, tornando os campos incultos, tudo isso, encadeando-se, acabaria na quebra da unidade da família com todas as consequências morais e sociais desastrosas que daí adviriam.

E, ou se caminhar para uma solução socialista, condenável pelo menos nas suas últimas consequências, anexando o Estado latifúndios para os redistribuir por pequenos trabalhadores em glebas das quais só seriam proprietários na medida em que os bens pertenciam ao Estado, e esta era uma sublimação da Nação, de que eles eram nacionais, ou, então, procurar-se-ia, garantindo-lhe a independência económica, vincular juridicamente o proprietário à sua terra, pondo-o a coberto das variadas vicissitudes que poderiam conduzir à perda dessa mesma parcela de terra e estabelecendo um processo de transmissão que não traria consigo a divisão. Surgia assim, na feliz designação de Elvino de Brito, o casal de família.

Propomo-nos aqui descrevê-lo e analisá-lo nas suas consequências jurídicas.

A ideia não era nova; tinha já sido tentada com êxito na Austrália e noutras

colónias inglesas (*o homestead*) e nas leis francesas de 10 de Abril de 1908 (lei de accessão à pequena propriedade) e de 12 de Julho de 1909, que criou o *bien de famille*.

Entre nós, além de Elvino de Brito, que já em 1899 pretendeu introduzir o *homestead* australiano, seguem-se, a um projecto elaborado por Xavier Cordeiro, e apresentado ao Senado em Janeiro de 1919, os decretos n.ºs 7.033 e 7.034, de 16 de Outubro de 1920 que criam os casais de família.

Inexplicavelmente foram diplomas desconhecidos inteiramente na prática judicial, como reconhece o relatório que antecede o decreto n.º 18.551, de 3 de Julho de 1930, que revoga e modifica profundamente aqueles diplomas.

Também este último não logrou, até agora, melhor sorte, talvez, como diz Cunha Gonçalves, por falta de propaganda.

Analisemo-lo, pois, dado que é por ele, ainda hoje, fundamentalmente regulamentado o instituto:

2. Podemos definir casal de família como a propriedade rústica ou urbana que é afectada ao sustento da família e que gosa das faculdades de indivisibilidade e de inalienabilidade.

— Quem o pode constituir?

Em 1.º lugar, qualquer chefe de família, entendendo-se por tal o cidadão português, casado ou não, dum ou doutro sexo, desde que, não sendo casado, tenha a seu cargo o sustento de filhos, irmãos ou sobrinhos, no pleno exercício dos seus direitos civis — quer dizer, que não esteja ferido de qualquer incapacidade judicialmente declarada (artigos 1.º e 2.º).

Em 2.º lugar, qualquer outra pessoa com capacidade para dispor dos bens, desde que disponha deles por doação ou testamento a favor de terceiro, juridicamente capaz para adquirir bens por esses títulos (artigo 5.º).

É de notar que o casal de família instituído a favor de colaterais (irmãos ou sobrinhos) ou estranhos, sempre que sobrevenham filhos legítimos, reverterá a favor destes.

Em 3.º lugar, o Estado ou as corporações administrativas quanto a terrenos

incultos, àquele ou a estas pertencentes, ou pertencentes a particulares, e por ordem do Governo. Neste caso os terrenos serão divididos em glebas e aforados em hasta pública, com a condição do enfiteuta neles instituir um casal de família (artigos 13.º e § único e 14.º). (Rigorosamente não é o Estado que institui esses casais, mas é ele que condiciona o aforamento a esse facto.)

Convém acrescentar que a Junta de Colonização Interna pode instituir *casais agrícolas* em relação às terras regadas que tenham sido expropriadas pelo Estado, mediante justa indemnização (Bases XIV e XV da lei n.º 1.949, de 15 de Fevereiro de 1937), em relação a terrenos que venha a adquirir ou ainda em relação a baldios reservados ou a reservar (artigo 1.º, do decreto n.º 36.709, de 5 de Janeiro de 1948).

O facto de a lei designar aqui o instituto como casal agrícola não vem trazer quaisquer diferenças ao regime dos casais de família, pois a lei n.º 1.949 estabelece que estes casais agrícolas serão regulados pelo disposto no decreto n.º 18.551 (Base XV) e o decreto n.º 36.709, regulamentando minuciosamente os casais agrícolas (o que parece revogar a lei n.º 1.949), acrescenta no seu artigo 77.º, que eles «passam a constituir casais de família, logo que aos colonos sejam concedidos alvarás de propriedade definitiva» (cfr. ainda a lei n.º 2.014, de 27 de Maio de 1946).

Quer dizer: os casais agrícolas são uma fase no processo de formação dos casais de família. Não nos preocuparemos, portanto, com eles, dado o espaço naturalmente limitado que nos foi reservado.

— Qual pode ser o seu objectivo?

O casal de família pode compreender ou só a casa em que o respectivo titular e família habitarem, ou essa casa e «as dependências necessárias para o exercício de qualquer ofício mecânico exercido e explorado directamente por qualquer dos membros de família» e (ou) «uma ou mais glebas, anexas ou vizinhas — e neste caso não podem estar situadas a distância superior a 5 kms da respectiva habitação (art. 26.º) —, agricultadas sob a administração familiar directa (art. 2.º).

(Conclui no próximo número)

SISTEMA DE ESTABULAÇÃO LIVRE

Por
RAMIRO A. RIBEIRO DO ROSÁRIO
eng. agrônomo

É cada vez maior a atenção que a lavoura portuguesa dedica ao gado bovino explorado na função leite.

Podemos dizer que este interesse apareceu como consequência lógica do lavrador ter verificado que uma das maiores fontes de rendimento da exploração agrícola provém do ramo pecuário e dentro

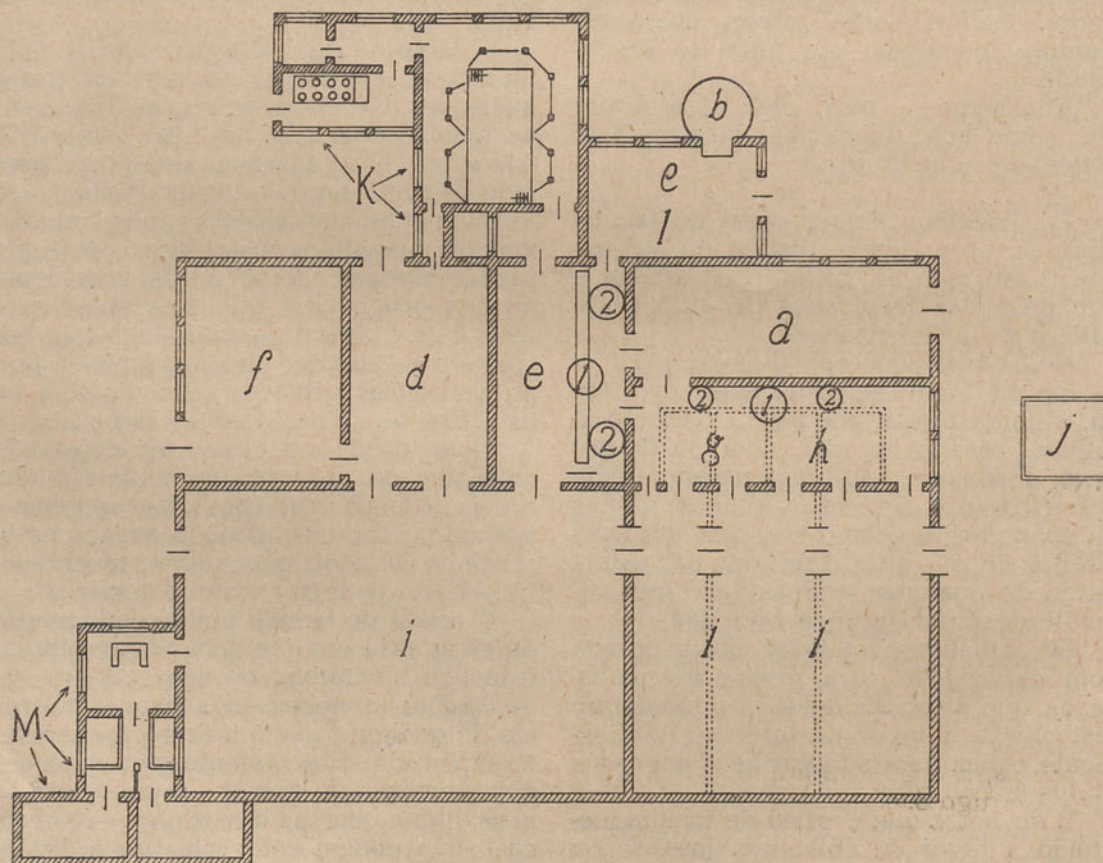
deste ocupar lugar de relevo a vaca explorada naquela função.

A exploração do gado vacum, na função leite, está, no entanto, ainda muito atrasada, quando comparada com a de outros países mais evoluídos nas técnicas agrícolas.

São diversas as formas de exploração

Esquema de uma unidade de exploração do sistema de estabulação livre

Fig. 1



a) Palheiro; b) Silo; c) Casa de concentrados; d) Área de cama para repouso e dormida das vacas; e) Área para administração de forragens: 1 — mangedoura. 2 — corredores; f) Casa para guarda de matos e palhas para camas; g) Secção de recrias (bezerreiro). Área a ser dividida por baias móveis, de acordo com as necessidades; h) Secção de vacas cheias e secas; i) Enfermaria; k) Casa de mungição e manejo do leite; l) Misturadouro ou dependência para guarda de ervã; m) Estábulo para touros, posto de cobrição e área de pátio.

normalmente adoptadas, variando de país para país ou de região para região, podendo ir desde o regime pastoril até à de permanente estabulação, passando por escalões intermediários.

De entre todos os sistemas está ocupando lugar de relevo o da estabulação livre, pelas múltiplas vantagens que oferece quando comparado com os de completa ou semi-estabulação.

Acompanhamos de perto, na Universidade de Wiscousin (U. S. A.), ensaios deste sistema, tendo verificado as suas vantagens. Encontrámo-lo, mais tarde, com bastante representação, na Dinamarca e Inglaterra. Parecendo-nos que se deve enquadrar bem na exploração agro-pecuária portuguesa, julgamos oportuno apresentar alguns apontamentos sumários sobre esta forma de exploração.

O principal mérito deste sistema reside na economia de mão-de-obra que é possível realizar quando comparado com os sistemas clássicos. Tem interesse, também, pelo melhor estado físico que proporciona aos animais em exploração, pelo facto de lhes permitir ter uma vida mais semelhante ao regime pastoril.

Parece importante apontar também as vantagens que oferece para os casos em que o leite é pago em função das qualidades higiénicas, por ser um sistema em que a refrigeração do leite conjugada com a ordenha mecânica se enquadra bem.

Convém referir que este sistema con-

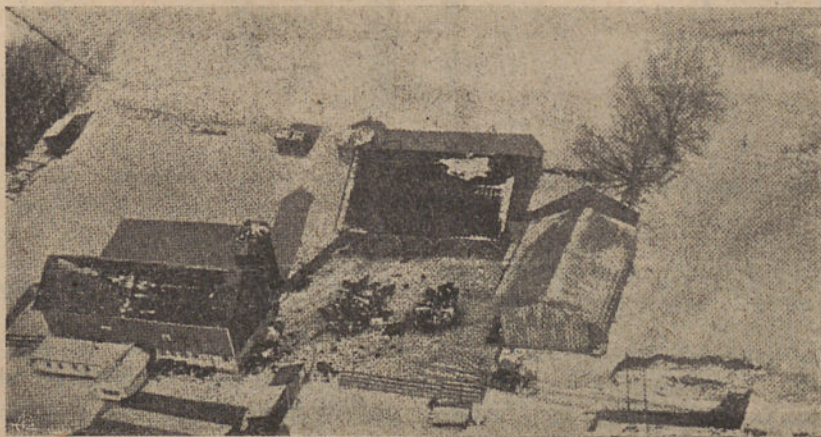
segue produzir leite com qualidade higiénica igual e em certos casos superior ao obtido em vacarias clássicas.

Considerando uma unidade completa de exploração, podemos indicar como necessárias as seguintes divisões:

- a) Palheiro
- b) Silos
- c) Casa de concentrados
- d) Área de cama para repouso e dormida das vacas
- e) Área para administração de forragens.
- f) Casa para guarda de matos e palhas para camas
- g) Secção de recria (bezerreiros)
- h) Secção de vacas cheias
- i) Parque para vacas em lactação, vacas cheias secas e vitelos
- j) Enfermaria
- k) Casa de mungição e manejo do leite
- l) Misturadouro ou dependência para guarda de erva cortada no dia
- m) Estábulo para touros.

A existência ou supressão de algumas destas dependências deve fazer-se em função do número de animais em exploração, tendo em conta o factor económico da área de construção a realizar e das exigências de cada caso.

Fig. 2 — Vista aérea de um sistema de estabulação livre

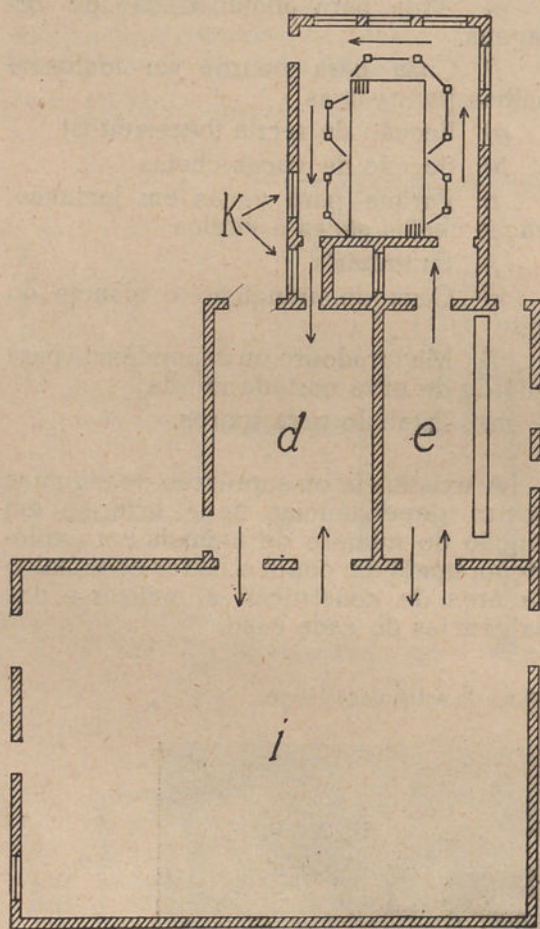


No presente artigo, trataremos do caso mais geral.

Antes de entrarmos na descrição das dependências, procuraremos, de uma forma geral, dar ideia da distribuição das áreas atrás referidas, das suas interdependências e dos movimentos de produtos e animais dentro de um esquema desta natureza.

A — Movimento das vacas em exploração dentro do sistema apresentado.

Fig. 3



As vacas estão permanentemente nas áreas «d», «e» e «i», de acordo com o seu desejo.

Como têm liberdade total de movimentos estarão na área coberta («d») no caso de chover ou fazer sol intenso;

quando o desejarem poderão ir comer à área de alimentação («e») ou permanecer ao ar livre na área («i»).

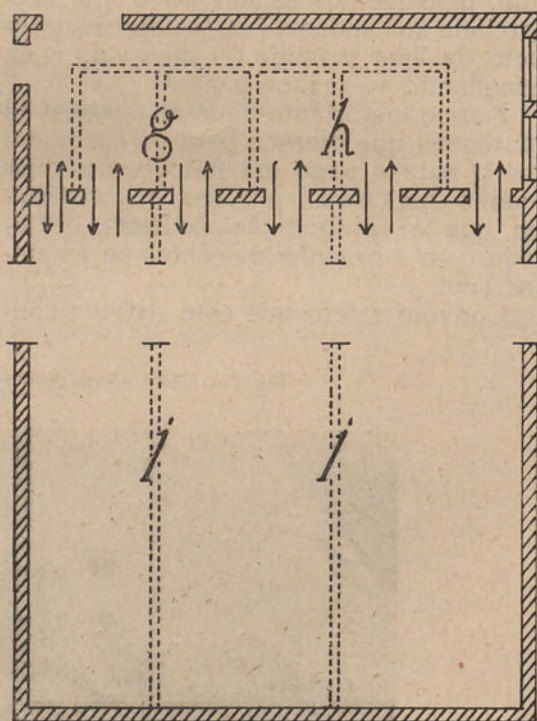
Para a mungição, as vacas serão concentradas na casa de alimentação («e») e daí serão conduzidas à casa de mungição («k»). Feita a ordenha, sairão para a área coberta («d»).

B — Movimento dos vitelos, vitelas e vacas secas.

Como o esquema indica, os vitelos e vitelas têm liberdade absoluta, podendo estar na área coberta ou descoberta, como quiserem.

São construídos diversos compartimentos, com baias móveis, para vitelos e vitelas. Por vezes, convém mantê-los fechados e separados, como nas primei-

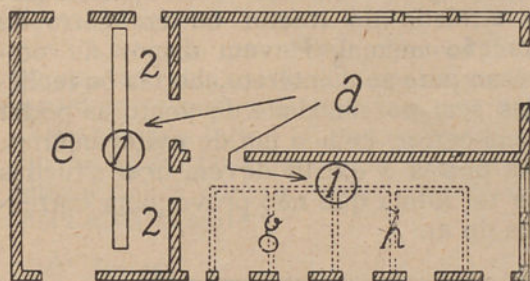
Fig. 4



ras semanas de existência, até o cordão umbilical secar e cair.

C—Movimento de palhas e fenos.

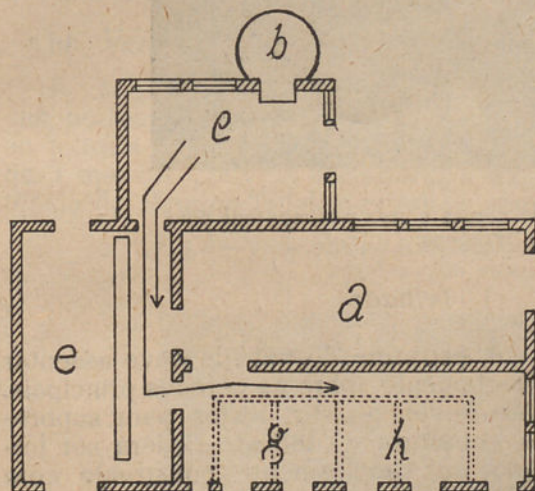
Fig. 5



As palhas e fenos passam do palheiro (a) para os corredores de alimentação (2) e são distribuídos nas mangedouras (1).

D—Movimento de silagem e verde.

Fig. 6



A silagem é descarregada do silo, directamente para o misturador (c) e daí passa para as mangedouras.

O verde é arrumado no misturador (c). Ai é misturado com palhas e fenos e distribuído pelas mangedouras.

E—Movimento dos concentrados.

Os concentrados são armazenados no

misturador (c) e administrados na casa da ordenha durante a mungição.

Passamos seguidamente a apresentar alguns elementos relacionados com cada uma das dependências que formam o conjunto do sistema.

1) Casa para guarda de matos e palhas para camas

Esta dependência deve ficar situada tão perto quanto possível da área coberta, com cama para o gado, pela necessidade diária de transportar mato ou palhas para lá.

A capacidade deve ser estabelecida por forma a conseguir-se uma armazenagem conveniente para ocorrer às necessidades de camas durante o período de inverno e chuvas.

Para calcular as dimensões desta divisão podem considerar-se como necessários cerca de 6 kg de mato ou palha por dia, para cada vaca.

Sabendo o número máximo, provável, de dias de chuva sem possibilidades de cortar o mato e o número de vacas em exploração, calcula-se com facilidade o total de kgs de mato a armazenar.

Para calcular o volume em função do peso de mato ou palhas pode-se partir dos seguintes elementos aproximados:

	Kg por m ³
Palha a granel	30 a 40
Palha — triturada e enfardada	80 a 100
Mato	40 a 50

O pavimento desta dependência deve ser construído com piso impermeável. Deve também proporcionar-se uma entrada fácil para os veículos descarregarem o mato ou palhas. O pavimento deve ficar a um nível do solo que permita estar permanentemente seco.

2) Casa com camas (mato ou palha) para repouso e dormida das vacas

Podemos dizer que é esta dependência uma das que têm maior importância no êxito a alcançar com o sistema de estabulação livre.

Será aí que as vacas devem permanecer confortavelmente depois de terem passado um dia em que foram mungidas, comido o que lhes apetecia na secção de alimentação e passeio pelo pátio.



Fig. 7—Dependência com acumulação de camas e área pavimentada para administração de forragens.

Um bom desenho e exploração da dependência com acumulação de camas são os responsáveis pela limpeza das vacas. Como atrás dissemos, desde que a área não seja mais do que o necessário, são precisos cerca de 6 kg de mato ou palha bem secos para cada vaca.

Em relação a esta dependência deve ter-se em atenção:

a) Área necessária

Deve ser considerado como mínimo uma área de 5,5 m² por vaca. Para as vacarias com mais de 20 vacas deve ser considerado que as vacas em lactação estão separadas das secas e das vitelas. É conveniente considerar uma secção especial para as vacas que estejam doentes. Esta deve ficar completamente separada da vacaria.

b) Portas

As portas desta dependência devem ser largas—suficientemente para caber o atrelado do tractor ou um carro de tracção animal. Devem dispor de processo para se manterem abertas ou fechadas sem possibilidade do vento as poder semi-cerrar, com o fim de evitar injúrias. As portas a existir devem ficar situadas de tal forma que não provoquem correntes de ar.

c) Telhado

A estrutura do telhado deve assentar directamente sobre as paredes principais. Não devem existir postes para suporte da cobertura. O telhado poderá ser forrado ou simplesmente construído com telhas de fibrocimento.

d) Localização

A secção de camas deve ficar colocada por forma tal que as portas que a ligam com o pátio fiquem voltadas a nascente ou sul, desde que os ventos dominantes não soprem nessa direcção. Quanto à localização desta dependência em relação às outras, deve dar-se preferência a que fique anexa à área de alimentação, mas sem comunicação directa.

e) Pavimento

Esta dependência pode ser provida com pavimento impermeável, de cimento, ou, desejando-se, não há inconveniente em a considerar de terra batida.

O nível do pavimento deverá ficar um metro abaixo do parque. Convém considerar a rampa de ligação desta casa ao parque por forma tal que as águas das chuvas e lavagens que caem no pátio ou parque nunca possam correr para dentro desta área coberta.

f) Esgoto

Não se torna necessário pelo facto das camas absorverem todos os dejectos líquidos. É esta uma das razões que condicionam a utilização de mato ou palhas bem secos.

g) Paredes

As paredes devem ser calculadas para poder suportar uma camada de estrume que poderá atingir 1,20 metros.

h) Ventilação e iluminação

A ventilação é assegurada através das portas que ligam esta dependência ao parque. Estas devem ter uma largura de 3 metros. Convém considerar a existência de algumas janelas estreitas, abert

tas na parte superior e condutas de entradas de ar a 1,6 metros de altura, na parte interna.

O arejamento deve ser calculado por forma a não haver depósito de água de condensação nas paredes e tectos.

Onde o clima for muito frio, no Inverno, ou muito quente, no Verão, convirá considerar a localização do armazém de matos e palhas por cima da área de camas.

Tendo em atenção a porta ou portas existentes, deve considerar-se que para a iluminação se tornará necessário uma área de 0,4 m² de janela por cada vaca.

Sempre que possível deve instalar-se luz eléctrica nesta dependência e em toda a vacaria.

3) Casa de administração de forragens

A forragem deve ser administrada aos animais duas vezes por dia. As forragens normalmente utilizadas são: ervas várias, feno, palhas, silagem e concentrado. Podemos estabelecer duas formas distintas no processo de administrar a erva. Ou as vacas a vão comer à pastagem ou a mesma é cortada e transportada ao estábulo.

(Continua no próximo número)

Fig. 8 — Vacas alinhadas na área pavimentada para administração de forragens prontas para passarem à casa de mungição.



A cava das vinhas é uma operação indispensável ao bom êxito da cultura

Pelo engenheiro agrônomo H. BONIFÁCIO DA SILVA

ESTÁ prestes a desenrolar-se a Primavera, vão declinando os frios próprios da estação invernos, e tudo se conjuga para que os campos se comecem a revestir de uma vegetação luxuriante.

Todos os anos, quando saímos do bulício da cidade, penetramos no silêncio da vida campestre, subimos a uma zona sobranceira e aí nos quedamos olhando os vales circundantes, surpreende-nos certamente o cenário grandioso que nos é dado contemplar: a policromia extasiante, que se estende por todo o horizonte.

Porém, esses panoramas, sempre agradáveis à vista, muitas vezes em nada dignificam o homem que trabalha a terra, pois essas múltiplas cores são motivadas por uma vegetação espontânea, que afecta profundamente a cultura principal.

O lavrador, mantendo nos seus vinhedos esses tapetes verdejantes, ocasionando danos de vária espécie, especialmente quando as videiras se encontram plantadas em zonas de clima seco, não está a trabalhar com proficiência e será vítima da sua incúria.

É do conhecimento de todos os viticultores, que as ervas, vivendo nas vinhas, causam graves prejuízos. Não vos esqueçais de as eliminar radicalmente.

A cava das vinhas é uma operação tão importante como as pulverizações cúpricas, por exemplo.

Quantas dessas ervas não terão contribuído para o mais fácil desenvolvimento do fungo que origina o mildio?

Não são essas ervas, que abrigam geralmente os insectos, constituindo verdadeiras pragas, que atacam as videiras?

Vejam os rapidamente como a presença das más ervas é indesejável.

Na terra existem, ou pelo menos deviam existir, os elementos fertilizantes

essenciais à vida das videiras. Ora, as ervas aproveitam para o seu desenvolvimento parte das reservas alimentares contidas no solo. Elas nutrem-se e crescem a expensas das plantas úteis.

Por outro lado, as plantas infestantes providas de raízes profundas, vão buscar a água às camadas subjacentes. Portanto, esta rivalidade é deveras prejudicial, principalmente nos climas secos, onde a humidade é diminuta.

Além dos prejuízos já apontados, podem citar-se outros, como, por exemplo, o contributo poderoso para a propagação de doenças criptogâmicas: o mildio e o oídio.

Essa densa vegetação espontânea não permite um fácil arejamento, mantendo-se assim um ambiente húmido, propício ao desenvolvimento daqueles fungos.

Pode também ser abrigo de insectos prejudiciais, formando como que um veículo para alguns, constituindo verdadeiras pragas para as vinhas.

A luta contra as ervas indesejáveis requer da parte do viticultor muita constância, porque essa vegetação nunca morre, tem um poder extraordinário de propagação, a sua vitalidade é enorme.

O extermínio das plantas daninhas deve praticar-se com oportunidade. Tem de ser feito no início do seu desenvolvimento, ou, pelo menos, antes da maturação das sementes. A destruição, não só da parte aérea, como dos seus órgãos subterrâneos, é indispensável para o bom êxito da operação cultural.

Muitas dessas plantas multiplicam-se por rizomas, bolbos, e ainda por outros órgãos. Portanto, a cava das vinhas é um dos meios mais eficazes para a extirpação das más ervas.

As cavas mais profundas destinadas a

(Conclui na pág. n.º 158)

A horta, manancial de saúde e riqueza

O bróculo e o espinafre

Resposta à consulta do senhor assinante n.º 40.913 — Fafe.

PERGUNTA

É possível a cultura do bróculo e espinafre em Fafe? Pedia indicações sobre a escolha do local, sementeira, adubação e época de cultura.

O mesmo quanto aos espargos.

RESPOSTA

Ainda há poucos dias um ilustre economista português, o Prof. Eng. Agrónomo Castro Caldas, em conferência realizada na Secção do Norte da Ordem dos Engenheiros, se referiu ao condicionamento que os moldes da vida moderna tendem a imprimir à evolução da Lavoura. Assim o lavrador tem que abandonar, pelo menos parcialmente, as culturas designadas como históricas (cereais, batata, vinho, etc.) para se lançar num regime de exploração mais polivalente de forma a adaptar o seu potencial produtivo às exigências dos mercados a abastecer.

O agricultor, disse o conferencista citado, não pode produzir apenas aquilo que lhe agrada e que ele consome, mais aquilo que economicamente oferece interesse — quer se trate de espargos, de cogumelos, ou até de violetas *pralinées*. . . Este abalizado conceito mais profundamente radicou o nosso entusiasmo pela causa da horticultura — actividade agrária que cada dia se apresenta com mais prometedoras perspectivas. Na verdade, dispomos de largas possibilidades neste campo, nomeadamente no aspecto de

clima temporão, da abundância de terras leves e frescas (preciosas em horticultura), larga disponibilidade de mão-de-obra a baixo preço, etc.

Por todas estas razões queremos juntar às breves notas sobre outras culturas albergadas por estas acolhedoras páginas da *Gazeta* alguns breves apontamentos sobre duas culturas horticolas pouco vulgarizadas entre nós, mas que pelo seu rendimento económico e valor alimentar os justificam largamente: o bróculo e o espinafre.

O bróculo pertence ao grupo das couves cultivadas pelas suas inflorescências, constituindo um legume muito apreciado, especialmente as variedades de cabeça roxa, compacta, tipo couve-flor.

Entre estas, as variedades nacionais roxas são quanto a nós de muito maior interesse gastronómico (e até em capacidade produtiva) do que as estrangeiras. Pena é pois que as qualidades das sementes das variedades nacionais não sejam preciosamente salvaguardadas, com a finalidade última de obtermos num possível mercado e para tal produto uma dominância de qualidade.

A cultura do bróculo está muito difundida entre nós, particularmente junto aos grandes centros, dando-se perfeitamente na localidade a que se refere o senhor consulente, desde que seja plantado em terra de boa horta, com água de rega, fortemente fertilizada, suportando, nestas condições, um meio mesológico adverso,

como seja o frio, tão temido inimigo da couve-flor.

É-lhe conveniente uma estrumação da ordem das 4 Ton./1.000 m² e um adubo completo, tipo Nitrofoska (azul), na dosagem de 30 a 35 Kgs para a mesma área. Uma calagem prévia nos solos ácidos é muito favorável ao desenvolvimento desta preciosa crucifera.

O bróculo semeia-se em alfobre desde meados de Abril até fins de Maio, segundo a sua maior ou menor precocidade. Transplanta-se de ordinário para o local definitivo durante os meses de Julho a Agosto. Nesta ocasião já deve estar pronta a escolha e preparação do local a plantar.

A distância, após a plantação, deve ser da ordem dos 60 cms em todos os sentidos. Como a todas as couves, convém-lhe amanhos frequentes e as precisas regas.

Os horticultores franceses utilizam nesta cultura e parece que com grande êxito a prática da repicagem, isto é, a transplantação do alfobre para um viveiro e só daí para o lugar definitivo o que oferece a vantagem de facultar às plantinhas um sistema radicular mais generoso e robusto com o seu consequente melhor desenvolvimento.

a escolha das sementes e sementeiras foram convenientemente espaçadas.
















A prática da «cameação» que não é afinal mais que uma ensilagem especial e que consiste em vergar o colo das plantas, cobrindo-lhes o caule com terra e a parte aérea com palha, permite prolongar a colheita até fins do mês de Junho, época em que esta hortaliça poderá atingir preços tentadores.

Como variedades aconselham-se, entre outras, as seguintes:

Bróculo roxo comum—vigoroso, semi-temporão, de folhagem abundante, ligeiramente frisada na extremidade, cabeça sobre o pequeno, compacta e dura. É uma das variedades mais rústicas.

Bróculo roxo tardio (tipo Porto)—distingue-se da variedade descrita pelo seu porte mais alto, tardia, de cabeça compacta e enorme. É uma variedade muito distinta e procurada, embora a sua genuidade nem sempre seja o que seria para desejar.

Bróculo branco Mamuth—vigorosa,

Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	
							
Semear	Repicar	Sachar e regar	Plantar	Sachar			
Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
							
Colheita	Cameação	→ N	→ N	Colheita			Colheita

Sucessão dos trabalhos na cultura da couve bróculo
(da *Encyclopedie des Jardins*).

No mês de Novembro, para as variedades temporãs, inicia-se a colheita que pode escalonar-se até bastante tarde, se

de pequeno porte, folhagem abundante, frisada na extremidade, tipo couve-flor, tardia, dando boas cabeças.

Bróculo Páscoa — variedade tardia, de folhagem pouco abundante, e pardacenta, curta, quase pontuda, larga na base, o que lhe dá uma forma triangular; dá cabeça muito regular.

Bróculo ramoso — é uma das variedades mais cultivadas no Centro e Sul



Um lindo exemplar de bróculo Mamuth

do País. As folhas são um pouco arroxeadas, produzindo a planta, quer no centro quer na axila das folhas, gomos roxos, bastante volumosos e carnudos. Estes gomos são produzidos sucessivamente durante um período bastante longo. Colhem-se à medida que se vão desenvolvendo e antes que as folhas abram.

Há também bróculos de outras cores como a esverdeada, mas não têm grande apreço entre os amadores deste legume e cultivadores.

A maior parte das variedades, infelizmente, parecem pouco fixadas, sendo vulgaríssimo não satisfazerem, quanto ao tipo e qualidade, as sementes obtidas no comércio.

* * *

O espinafre é uma das mais finas hortaliças, de sabor muito agradável e de

grande valor nutritivo, assim como organoléptico, graças à sua riqueza em fósforo, cálcio, ferro e ainda em todas as vitaminas.

É cultura mais exigente no que respeita à natureza do solo do que o bróculo. É planta calcícola, bastante exigente em cal. Requer solos frescos, férteis, um pouco ensombrados (motivo por que a consociação com o pomar lhe é em muitos casos favorável) e com um pH neutro ou próximo da neutralidade. No Norte do País a sua cultura em muitos casos redonda em fracasso mais pela elevada acidez que os solos apresentam do que pela falta de condições de fertilidade.

O local da sua cultura deve ser fertilizado com uma boa camada de estrume bem decomposto, de fácil assimilação e abundante adubação alcalina para os solos ácidos. Semeia-se de Fevereiro a Setembro no local definitivo, de preferência em linhas distanciadas de 25 a 30 cms. A sementeira a lançar também é usual nesta cultura, desbastando neste caso uma ou mais vezes para que as plantas se possam desenvolver e deixando-as espaçadas de 20 cm mais ou menos e de planta a planta.

São-lhe convenientes as exposições medianamente ensombradas, sofrendo com os frios e calores estivais. Logo que as plantas comecem a desenvolver-se requerem sachas frequentes e regas todas as vezes que o solo o reclame.

As variedades de espinafre dividem-se em dois grandes grupos:

1) Espinafres de sementes lisas e redondas.

2) Espinafres de sementes irregulares e espinhosas.

São mais apreciadas as variedades do primeiro grupo, ao qual pertencem:

Espinafre monstruoso de Viroflay — é uma das mais finas variedades, robusta, rústica e de grande folhagem.

Espinafre Vitória — é variedade vigorosa, própria para cultura primaveril, de produção muito prolongada.

Dentro das variedades do segundo grupo recomenda-se o conhecido:

Espinafre de Inglaterra — que é muito

produtiva, rústica e presta-se para cultura outonal.

Convém referir ainda o chamado espinafre da Nova Zelândia, botânicamente diferente do espinafre comum. É também anual mas muito ramificado, sendo os seus ramos guarnecidos de abundantes e pequenas folhas.

É mais rústico que o verdadeiro espinafre, exigindo um compasso normalmente de uns 50 a 60 cms entre as linhas e plantas. A sua qualidade é muito inferior à do autêntico espinafre.

A colheita de qualquer das variedades referidas faz-se periodicamente de cerca de 20 em 20 dias e quando as plantas completarem uns dois meses, colhendo as melhores folhas uma a uma sobre cada pé.

A maior parte das casas de produtos hortícolas, possuem sementes das espécies e variedades apontadas, não sendo difícil ao senhor consulente a sua aquisição. Sobre a cultura do espargo, aconselho-o a ler o artigo publicado sobre esta matéria no n.º 2414 desta Revista e que certamente o elucidará sobre o que pretende.

Valdemar Cordeiro

A cava das vinhas é uma operação indispensável ao bom êxito da cultura

(Conclusão da pág. n.º 134)

eliminar a grama, por exemplo, deverão ser efectuadas no cedo, porque tarde podem ocasionar uma parcial destruição das raízes da videira.

Nos locais, onde se receiam as geadas tardias, também não se devem guardar para tarde, porque as cavas são perigosas nessa altura, pois, se forem feitas no período em que se inicia a actividade vegetativa, podem constituir um ambiente fresco e húmido, nas camadas de ar próximas do solo, favorecendo a formação de orvalhos. Se a temperatura é relativamente elevada, o mildio encontra condições favoráveis para alastrar. Por razões análogas não é aconselhável realizar qualquer mobilização do solo no período da

floração. Pode-se então concluir que as cavas devem ter lugar no período de repouso vegetativo.

A máxima profundidade que atingem as lavouras normais nos vinhedos não podem ser fixadas de um modo absoluto, por serem variadas as circunstâncias em que o viticultor se pode encontrar. Normalmente, essas profundidades não devem ir além de 20 a 25 centímetros, por nessas camadas existirem abundantes raízes, que não convém cortar. Porém, se tal acontecer, a videira terá anualmente de substituir esse raizame imprudentemente cortado, o que contribuirá para o seu debilitamento.

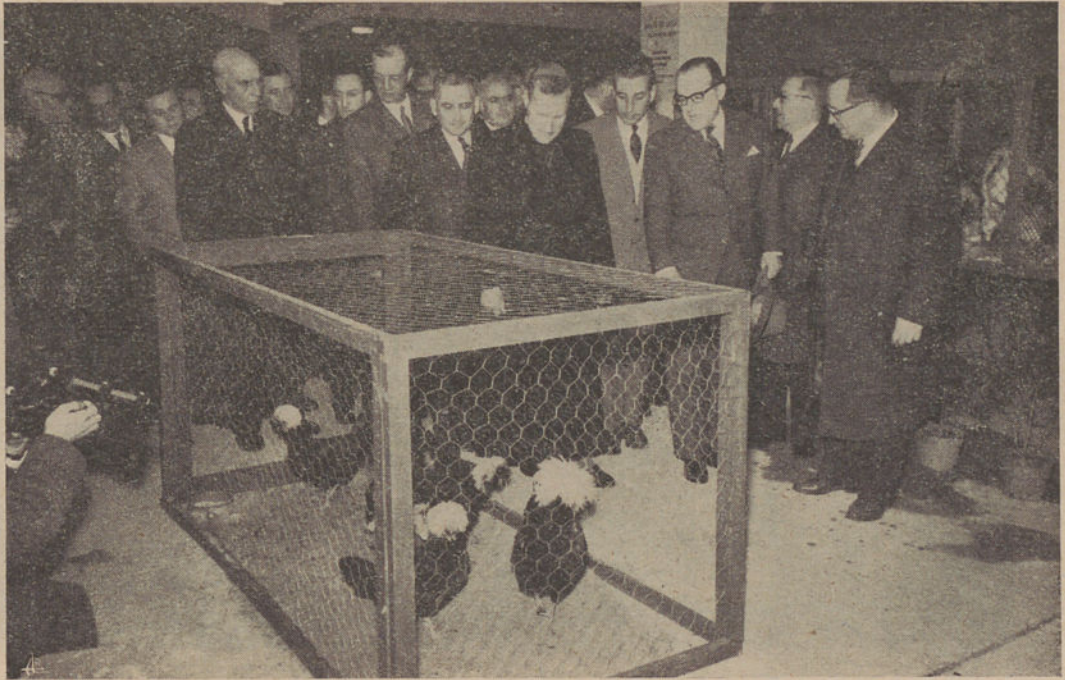
Em climas temperados e medianamente secos não é aconselhável aprofundar os labores a mais de 12 a 15 centímetros, sendo estas afinal as profundidades normais para as lavouras de Inverno.

As cavas, além de eliminarem as ervas daninhas, também se caracterizam por contribuírem para aumentar as reservas de humidade no solo. A água das chuvas, ao cair no terreno não mobilizado, batido e endurecido pelo factor tempo, pelos pés dos trabalhadores rurais e dos animais, não penetra nas camadas subjacentes; corre à deriva, sem rumo, abrindo sulcos mais ou menos fundos, e perde-se inútilmente, a caminho das terras mais declivosas.

Sabemos como a água é útil às plantas, pois é o veículo dos alimentos que absorve do solo e faz parte integrante dos tecidos; porque não havemos nós de evitar as perdas desse precioso líquido por meio das cavas, feitas em tempo oportuno? Lembremo-nos da estação estival, daqueles dias em que a canícula apertada, tornando a evaporação intensiva, em que a videira agradecia a presença da humidade tão necessária à vegetação e frutificação.

Outro meio de luta de que se dispõe contra as ervas daninhas são os produtos químicos, também denominados «herbicidas».

Contudo, o tratamento químico não está generalizado entre nós por ser excessivamente caro. Apenas em algumas culturas se têm empregado os produtos químicos para eliminar as plantas infestantes.



As entidades oficiais iniciando a visita, após a inauguração

EXPOSIÇÃO AVÍCOLA DO PORTO

CONSTITUIU acontecimento de invulgar relevo na vida citadina, e obteve assinalado êxito, a Exposição Avícola do Porto, patente ao público, no sub-solo do edifício do Palácio de Cristal, desde 29 do mês findo até 7 do corrente.

Seria tarefa incomportável descrever de modo suficientemente realista o curioso espectáculo oferecido pelo notável certame aos seus inúmeros visitantes.

Imagine-se o leitor — dirigimo-nos evidentemente a quem não usufruiu o prazer de visitar a Exposição — em um mundo exclusivamente povoado por muitas centenas de aves das mais variadas espécies; figure no seu pensamento as impressões recebidas de todos os lados — aqui, pela

robustez e elegância dum porte, acolá, pela policromia duma plumagem, além, pelo exotismo ou bizarria duma forma; junte a tudo isto a movimentação irrequieta, mas sempre graciosa, de todos aqueles seres, e a extensa gama das suas vozes, desde a maviosidade dum gorgueio até à estridência dum grito, e poderá então conceber uma ideia, ainda que pálida, do aliciante espectáculo proporcionado pelos habitantes daquele mundo efémero.

Digamos algumas palavras acerca da abertura da Exposição e do modo como foi organizada.

Presidido pelo senhor Secretário de Estado da Agricultura, Eng. Martin Graça, o acto inaugural, muito concorrido, teve



Dois aspectos
da
visita oficial



a realçá-lo a presença das autoridades mais representativas da Cidade e do Distrito.

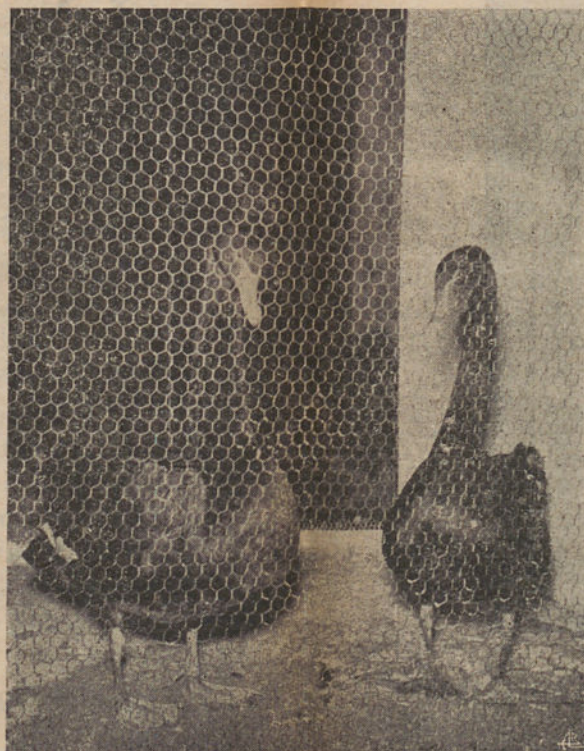
Assistiram também altos funcionários dos Serviços Oficiais dependentes do Secretariado da Agricultura, que, para o efeito, se deslocaram expressamente ao Porto.

Pelo que respeita à disposição dada ao certame pela Comissão Organizadora, justo

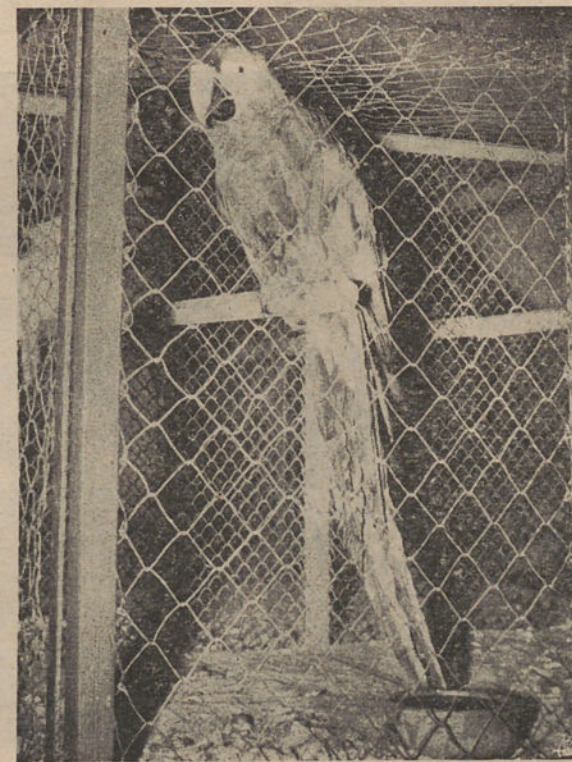
Um grou coroado



Um casal de cisnes



Uma arara

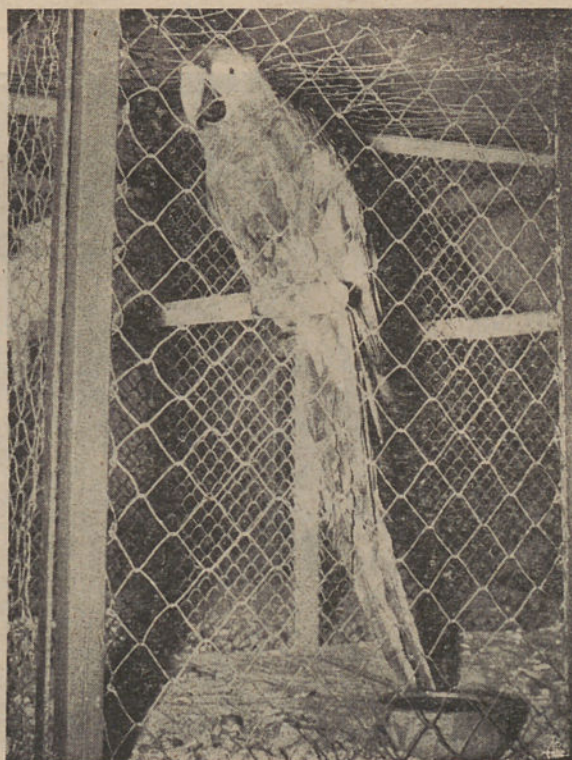


é pôr em relevo o critério que a ela presidiu; merece igualmente elogios o objectivo de ordem cultural que levou a Comissão a fornecer ao público, em relação aos exemplares expostos, minuciosos elementos de identificação, imprescindíveis para o visitante menos versado na matéria.

Louvável também a resolução de integrar na Exposição um sector



Uma arara



é pôr em relevo o critério que a ela presidiu; merece igualmente elogios o objectivo de ordem cultural que levou a Comissão a fornecer ao público, em relação aos exemplares expostos, minuciosos elementos de identificação, imprescindíveis para o visitante menos versado na matéria.

Louvável também a resolução de integrar na Exposição um sector

e cisnes



de avicultura pròpriamente dita, isto é, referente ao aspecto económico da criação de aves.

Adentro desse sector, figuravam em primeiro plano os dados estatísticos da acção desenvolvida pelo Estado, através da Estação de Avicultura Nacional. Eis alguns desses dados: pintos fornecidos — 35.168; ovos incubados — 1.049.649; visitas aos aviários — 9.286; exames sanitários — 3.654; reprodutores fornecidos — 3.546.

Gazeta das Aldeias, a cuja missão divulgadora junto da lavoura portuguesa muito interessa o problema da criação de aves, sobretudo no que se relaciona com a economia agrícola, regista com satisfação a amplitude da acção dos Serviços Officiais nesse sector.

Na impossibilidade de, por motivos de espaço, relacionarmos todos os prémios instituídos pela Comissão Organizadora, damos, a seguir, nota dos oferecidos por

entidades oficiais e particulares e sua atribuição:

Taça para o melhor faisão — Bento de Amorim, Vila do Conde;

Taças para a melhor colecção de palmípedes exóticos — Bento de Amorim, Vila do Conde, e D. Maria de Lourdes Álvares Ribeiro, Porto;

Taça para a melhor colecção de faisões — António Alves da Mota, Caldelas;

Taça para o melhor grupo de galinhas — Mário Gonçalves, Gondalães—Paredes;

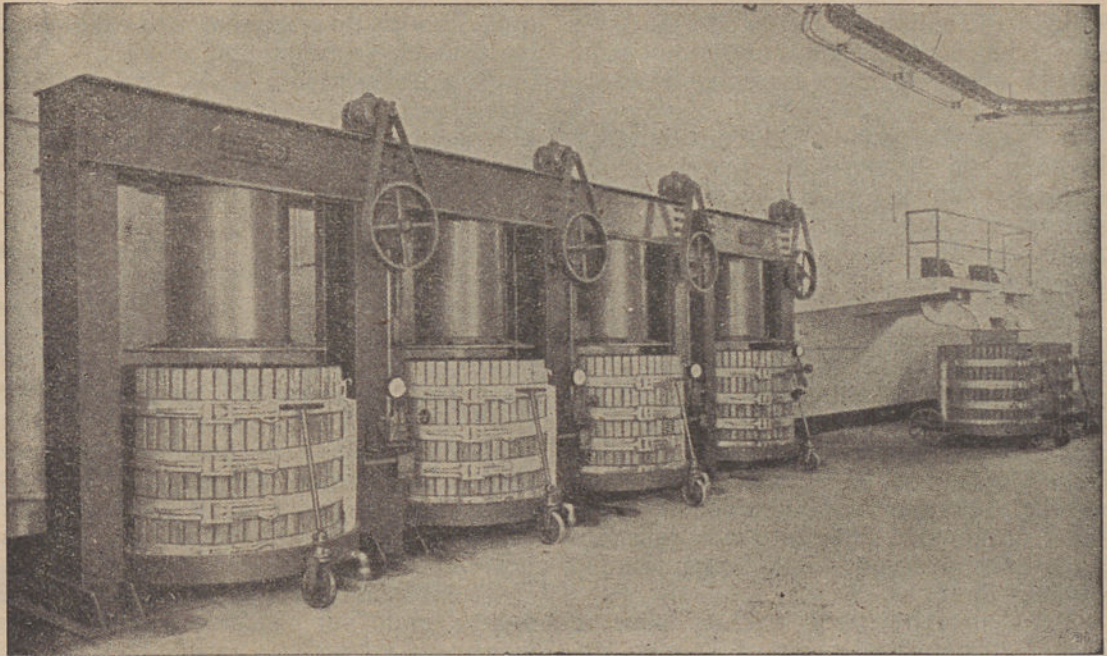
Prémio de *O Lavrador*, para o melhor pato — Granja Riamar, Ílhavo;

Prémio da *Gazeta das Aldeias*, para o melhor galo — Dr. Jaime de Magalhães, Porto.

Terminamos, repetindo o que já dissemos: a Exposição Avícola do Porto despertou o maior interesse, e bem o mereceu. Estão de parabens os seus organizadores.

Ainda outro aspecto da visita





Tratamentos preventivos, e curativos, da casse oxidásica

CONFORME prometemos no último artigo, vamos hoje fazer algumas considerações relativas aos tratamentos da casse oxidásica, ou casse castanha.

Continua a crescer o já elevado número de vinhos declarados com casse oxidásica.

Muitos são os vinicultores que têm tido a desagradável surpresa de deparar com os seus vinhos profundamente alterados por oxidação da sua matéria corante, e dos taninos.

Fica assim perfeitamente justificada a escolha deste assunto, para tema das linhas que seguem.

Tratamentos preventivos:

Nem sempre estão dependentes da nossa vontade as condições ideais tendentes a contrariar as moléstias dos cachos, que são, no geral, a causa remota da casse castanha.

Se não for possível — como tantas vezes sucederá — pôr em prática todas as afileas a que vamos fazer referência, que

ao menos se tomem em conta as que for possível.

Para o fim que temos em vista, não devemos esquecer que os bolores, e podridões dos cachos, são de contrariar,

Por PEDRO NUNCIO BRAVO
Engenheiro agrônomo

tanto quanto possível, se na verdade pretendemos vinhos sem esta casse.

Ao instalar-se a vinha, devemos procurar um terreno possivelmente com certo declive, e exposto ao Sul, ou outro quadrante que seja arejado, e pouco húmido.

Terrenos baixos, planos, húmidos e pouco ventilados, são favoráveis ao aparecimento das doenças criptogâmicas, dos cachos e das videiras.

Nos terrenos muito férteis, a vegetação será muito luxuriante mas os cachos ficam mais ensombrados e os seus tecidos mais frágeis, o que favorece o ataque pelas doenças criptogâmicas.

Para instalação de vinhas são de pre-

ferir os terrenos cuja fertilidade não seja excessiva, podendo até, em certos casos, ser de aconselhar os terrenos bastante pobres.

Na escolha das castas de videiras, devemos dar preferência — se isso não vier a prejudicar a qualidade dos futuros vinhos — às que derem cachos soltos, de bagos revestidos de película dura, que são os naturalmente mais resistentes às doenças.

Quando outros motivos o não contra-indiquem, devemos dar preferência às castas mais resistentes às doenças. Sabe-se que, por exemplo, as castas: Alicante, Bical, Gouveio, Rabo de Ovelha, Tinta Miúda, etc., são muito susceptíveis ao mildio, enquanto o Bastardo, Malvasia Rei, Touriga, etc., são muito mais resistentes. O mesmo se poderia dizer em relação a outras doenças.

Para se obterem cachos são é ainda indispensável fazer as «curas» necessárias, nas alturas convenientes, e nas percentagens aconselhadas pelos técnicos da especialidade. Correm grande riscos os vinicultores que descuidam a aplicação das «caldas» e do enxofre.

Se os cachos começarem a apodrecer, é muitas vezes conveniente antecipar a vindima, para que o seu estado sanitário se não agrave.

Na altura da vindima, devemos separar os bagos e os cachos doentes; teremos de os vinificar de «bica aberta» ou, pelo menos, com «desengace», para que os agentes das doenças, em grande parte, fiquem fora do contacto com o mosto, por permanecerem aderentes ao cango e películas, ou só àquele, donde resulta uma fermentação mais sadia.

Logo a seguir ao esmagamento, deve desinfetar-se convenientemente o mosto, para o que se deverá recorrer ao anidrido sulfuroso ou ao metabissulfito de potássio, cuja acção preventiva é de grande importância.

Como tratamentos curativos temos os que em seguida vamos referir mas, antes disso, queremos chamar a atenção dos vinicultores para a necessidade de procederem ao tratamento antes de arejar o vinho, para que se não comprometa a cor,

que, depois de oxidada, seria difícil, ou impossível, de recompor.

Pasteurização: — As temperaturas elevadas são capazes de destruir a «enoxidase», causadora da oxidação da matéria corante, e dos tanóides.

Como os pasteurizadores são demasiado caros, correntemente não se pode recorrer a eles para o tratamento de vinhos com casse oxidásica.

Bastaria um aquecimento de uns 65 a 75° C., durante três minutos, para se tratarem estes vinhos.

A temperatura mais conveniente, bem como a duração do aquecimento, devem ser determinadas experimentalmente, pois, como é evidente, variam conforme os casos, isto é, com a maior ou menor percentagem de enoxidase e com a composição do vinho.

Aumentando a duração do aquecimento, pode ser reduzida a temperatura máxima a atingir.

Anidrido sulfuroso: — Este composto tem propriedades redutoras, opostas às da enoxidase, que tem propriedades oxidantes.

Pode-se recorrer ao anidrido sulfuroso líquido, às soluções sulfurosas ou ao metabissulfito de potássio.

As soluções aquosas de anidrido sulfuroso têm o defeito de irem levar, aos vinhos, água, o que não é legal.

As doses de anidrido sulfuroso a aplicar, variam conforme os casos, e não se podem indicar números rígidos.

Como valores médios, diremos que, no geral, são necessários 5 a 8 gr de anidrido sulfuroso, o que equivale a dizer 10 a 16 gramas de metabissulfito de potássio, por cada hectolitro de vinho a tratar.

Passadas 24 a 48 horas daquela aplicação, teremos de proceder a uma trasfega, com bastante arejamento.

Feito o tratamento anteriormente indicado, pode ser necessário proceder a uma colagem com caseína, ou com leite, para o caso de vinhos brancos que tenham ficado amarelados.

Para o caso daqueles vinhos, pode também ser de aconselhar o tratamento pelo carvão animal, ou carvões activados, em doses variáveis com a intensidade do defeito a corrigir, e a quantidade dos produtos aplicados.



AVICULTURA

RAÇAS PURAS OU CRUZAMENTOS?

Por ANTÓNIO SÉRGIO PESSOA
Médico veterinário

UM dos primeiros problemas que se deparam a quem pretenda dedicar-se à avicultura, seja com vista à produção de ovos ou de carne ou também à produção mista de ovos e carne, é a escolha da raça ou do tipo das aves a explorar, porquanto são várias as opiniões sobre este assunto.

Na realidade, enquanto uns consideram indispensável, para se obterem boas produções, recorrer a exemplares resultantes de cruzamentos de raças, os quais, muitas vezes imprópriamente, se designam por "híbridos", outros mantêm-se apologistas das raças puras, desde que sejam objecto de métodos apropriados de reprodução e selecção.

Para a produção exclusiva de ovos, não obstante o elevadíssimo número de raças existentes, ainda a Leghorn é a preferida, por ser a que, regra geral, alcança melhores médias de postura com menor gasto de alimentos.

Todavia, para que tal se verifique, ter-se-á de possuir galinhas que não só pertençam a boas estirpes poedeiras, mas,

também, sejam pouco corpulentas, pois quanto mais pequenas elas forem menores serão as suas necessidades nutritivas de conservação, e, portanto, menos ração consomem por cada dúzia de ovos que produzam.

No entanto estas aves têm o inconveniente de darem baixo rendimento em carne a qual é de qualidade mediocre, pelo que a venda dos frangos, e das galinhas após o período de postura, torna-se difícil e pouco remuneradora.

Por esta razão, os aviários que explorem galinhas Leghorns, tendo em mira fornecer produtos para povoamento de outras explorações, apenas num muito curto período do ano encontrarão compradores para tais produtos, uma vez que a época própria para a constituição ou renovação dos efectivos de postura se limita a pouco mais de 2 meses, e daí terem de suspender as incubações e venda de pintos, e dedicarem-se somente à produção de ovos para consumo, tal como qualquer outro aviário que não se ocupe da complicada e onerosa tarefa da selecção e reprodução.

Quanto ao destino a dar aos pintos machos desnecessários para a reprodução, apresenta-se um dilema aos criadores desta raça: ou abatê-los à nascença, desprezando deste modo o valor dos ovos donde eles eclodirem e o custo da incubação, ou criá-los até alcançarem peso suficiente para serem vendidos para talho, embora sabendo que o seu rendimento será sempre inferior ao alcançado por outros pintos mais adequados à produção de carne.

A produção de ovos obtida através de raças de produção mista, como sejam a New-Hampshire, Rhode Island, Plymouth Rock, e outras, resulta menos económica, pelas maiores necessidades de conservação destas aves em relação às da raça Leghorn. No entanto, os seus frangos, afora o inconveniente das cores da plumagem, são bastante melhores como produtores de carne que os desta última raça, embora já sejam, neste predicado, ultrapassados pelos de outros tipos de aves.

Os cruzamentos entre a raça Leghorn e qualquer das acima indicadas estão sendo muito utilizados na produção de ovos, quando se pretende utilizar simultaneamente os frangos para carne.

Estes frangos além do seu "vigor híbrido" e de outras características, apresentam plumagem esbranquiçada ou completamente branca, aconselhada nas aves para talho, emplumação precoce e crescimento rápido até 6-8 semanas e, como produtores de carne, satisfazem perfeitamente a maior parte dos consumidores do nosso país, sobretudo hotéis e restaurantes, que preferem frangos pequenos, com peso limpo compreendido entre 400 e 800 gramas.

As galinhas, embora consumam um pouco mais de ração, por cada dúzia de ovos postos, que as da raça Leghorn, possuem muito melhor carne que estas e são, na maior parte das vezes, mais rústicas e melhores poedeiras.

Esta última vantagem só se verificará, porém, em determinadas condições, muito especialmente quando a reprodução e selecção das Leghorns não seja devidamente orientada.

Como inconvenientes, apresentam o facto de terem maior propensão para o

choco que as de raça pura e de só em determinadas circunstâncias podem ser utilizadas na reprodução, mas nunca acasaladas com irmãos ou com outros galos pertencentes ao mesmo cruzamento.

Quando se queira obter aves unicamente para produção de carne, e os consumidores reclamam animais de grande musculatura e com peso relativamente elevado, dever-se-á recorrer a exemplares próprios para este efeito, e que, além de outros predicados, atinjam depressa o peso desejado com o menor gasto possível de ração.

Presentemente já se consegue produzir frangos que às 8 semanas de idade atinjam cerca de 1,400 gramas de peso vivo, com um índice de conversão alimentar de 2,2, para o que se torna necessário não só dispor estirpes apropriadas de aves como de rações cujas fórmulas por ora são impraticáveis no nosso meio.

Não se conseguiu ainda, porém, arranjar uma raça que em si só reúna todas as características inerentes a uma produção rendosa de carne, pois tem-se verificado certa incompatibilidade entre as faculdades creatopoética e ovopoética, e também entre a primeira e a fertilidade e poder de eclosão dos pintos.

Na formação de quase todas as raças deste tipo entra a Cornish ou Combatente Indiana, que é portadora de vários defeitos que a desclassificam como poedeira e reprodutora.

Por estes motivos, na produção exclusiva de aves para carne há que recorrer sempre a cruzamentos de raças, para se diluirmos estes inconvenientes e se obterem melhores resultados económicos.

Para o efeito, utilizam-se galos de marca da função creatopoética, como sejam os Cornish e outros afins, cruzados com galinhas de produção mista para, aproveitando as faculdades de postura destas, se poder fazer eclodir grande quantidade de pintos, o que não se alcançaria com galinhas da mesma raça dos galos.

Os avicultores dos E. U. A., agora já imitados pelos de outros países, estão "fabricando" e utilizando em grande

escala vários híbridos produtores de carne, dos quais apenas fornecem machos, para os lançar a galinhas de determinadas raças.

Quando a cor branca dos galos não seja dominante, aconselha-se geralmente cruzá-los com fêmeas Plymouth Rock brancas. Caso contrário, o que é mais difícil de obter, poder-se-á fazer o cruzamento com galinhas de outras cores, pois a sua descendência será quase toda mais ou menos branca.

Há a ter em atenção que os produtos destes cruzamentos nunca devem ser utilizados na reprodução, pois podem ser desastrosos os resultados obtidos.

A aplicação imediata deste sistema entre nós obrigar-nos-ia a importações sistemáticas de galos que, além de dispendiosas, representam um perigo sanitário, por se correr o risco de simultaneamente também se importarem doenças ainda desconhecidas no nosso País.

Para concluir e em face do exposto, somos do parecer de que, enquanto a nossa avicultura não atingir uma fase mais evoluída, isto é, enquanto necessitarmos de aumentar substancialmente os efectivos de postura e não se justificar o abate precoce dos pintos machos das raças com esta finalidade, e enquanto as poedeiras não possam ser exploradas de forma a que a sua produção deixe de ser influenciada pelas estações do ano, ou pela data do nascimento das aves, e ainda enquanto os processos de exploração adoptados satisfaçam em quantidade e qualidade as exigências dos consumidores, principalmente no respeitante à carne de frango, para solução dos inconvenientes atrás citados, tanto a produção de pintos destinados a postura como a carne deve ser orientada da seguinte forma:

Os pintos destinados a postura devem resultar do cruzamento de galos da raça Leghorn, de comprovada genealogia, com galinhas pertencentes a uma raça de função mista, designadamente a New-Hampshire vermelha, devidamente seleccionada quanto à produção de ovos e de carne.

Os pintos destinados a produção exclusiva de carne podem ser obtidos a

partir do mesmo bando de poedeiras mas então cruzadas com galos pertencentes a uma raça produtora de carne e que tenha plumagem branca dominante.

É chegada a oportunidade de alguns avicultores nacionais, dedicados à selecção, se interessarem também pela reprodução deste tipo de galos para se poder realizar pelos nossos próprios meios o programa que propomos sem se ficar na dependência de estranhos.

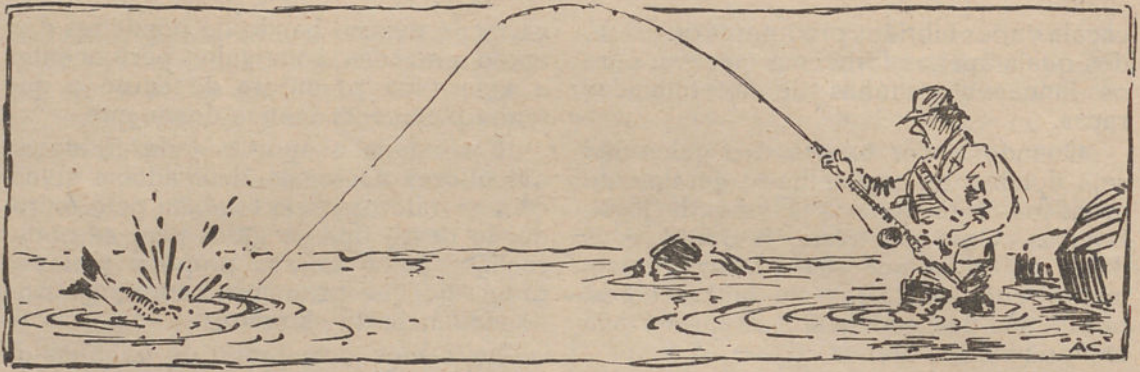
Indicamos o emprego de galinhas da raça New-Hampshire, e não Plymouth Rock branca, como alguns aconselham, pelo facto de se poder rapidamente distinguir quais são as aves produto de cruzamento ou de raça pura e assim se simplificar o trabalho da exploração, pois sendo dominante o branco Leghorn assim como o de alguns galos produtores de carne (Cornish, white América, Peach-blow, etc.), todas as aves resultantes do cruzamento destes galos com galinhas New-Hampshire vermelhas serão sempre mais ou menos brancas, e portanto de cor bem distinta das New-Hampshire.

Se a raça de galinhas for branca, tanto as aves pertencentes às raças puras como aos cruzamentos serão da mesma cor e portanto menos fáceis de destringir, pois os fenotipos são por vezes muito semelhantes.

Há a registar que entre as galinhas New-Hampshire se encontram óptimas poedeiras, possuindo boas características de produtoras de carne.

Sendo assim, o avicultor terá apenas que seleccionar as suas galinhas, adquirir bons galos de ambos os tipos, em aviários idóneos, oficiais ou particulares, e lançá-los oportunamente àquelas conforme a necessidade que tiver de produzir pintos para posturas ou para carne.

Desta forma poderá orientar a sua exploração tanto no sentido da produção de ovos como de carne, de harmonia com as conveniências de momento e tirar o máximo proveito do trabalho de selecção das poedeiras, pois estas poderão ser utilizadas na reprodução ao longo de todo o ano, além de poder tirar também maior rendimento do trabalho das incubadoras que possuir.



CAÇA E PESCA

AO RETARDADOR...

Por ALMEIDA COQUET

COINCIDE a publicação destas linhas com o dia em que, pelo Regulamento de 1893 quanto às águas interiores do País, começa uma nova época de pesca à truta. Oxalá que ao sair este número da *Gazeta* já tenha sido publicado o novo regulamento exigido pela Lei n.º 2.097 de 6 de Junho de 1959... Caso contrário — e enquanto esse regulamento não for publicado — continuarão os rios e albufeiras quase completamente abandonados, à mercê de vandalismos e de pesca por qualquer processo; isto é, tudo como dantes, para maior tristeza de todos quantos se interessam *de verdade* por assunto de tanto valor para a Nação.

De tanto valor? Exagero nosso e de todos quantos estão connosco? De modo algum, visto que até num filme editado recentemente pela Direcção-Geral dos Serviços F. e Aquícolas — A TRUTA — ao qual já fizemos nestas colunas justa apreciação, é esse valor posto em evidência bem marcada. E sendo assim, porque tanta demora em fazer executar o que a Lei n.º 2.097 determinou?

É caso de se dizer que parece ter-se adoptado para norma de trabalho aquele processo de cinema denominado « ao retardador ».

Mas não é só com a pesca nas águas interiores e com o seu fomento piscícola

que se observa esta vagarosidade enervante e altamente prejudicial. Também com o problema da caça se vai navegando nas mesmas águas. Por enquanto, até com maior atraso neste assunto da caça, visto que para a pesca já existe nova Lei desde Junho passado, só faltando o regulamento. Porque na caça há já uns anos que se anda com projectos e contra-projectos, sem se fazer o mínimo progresso útil para solução definitiva. Em resumo, também aí se vai trabalhando « ao retardador ».

Voltando ao caso da pesca, que mais de perto conhecemos por termos dado a nossa contribuição aos trabalhos iniciais, dos quais veio a resultar a Lei n.º 2.097, julgamos que a falta de nomeação do Inspector da Pesca — bem entendido, só Inspector da Pesca, sem acumular com outros serviços — tem sido talvez uma das causas de tanta demora absolutamente escusada. Bastava a responsabilidade inerente ao cargo para produzir a necessária *velocidade* de trabalho. Assim, mergulhado o « regulamento » num mar de burocracia e « papelosa », sem pessoa directamente interessada na sua aparição (pois infelizmente a Lei não fixou prazo para tal), como atingir-se o fim que se pretende e que a Lei n.º 2.097 estabeleceu?

Entretanto, fala-se em TURISMO. Fala-se

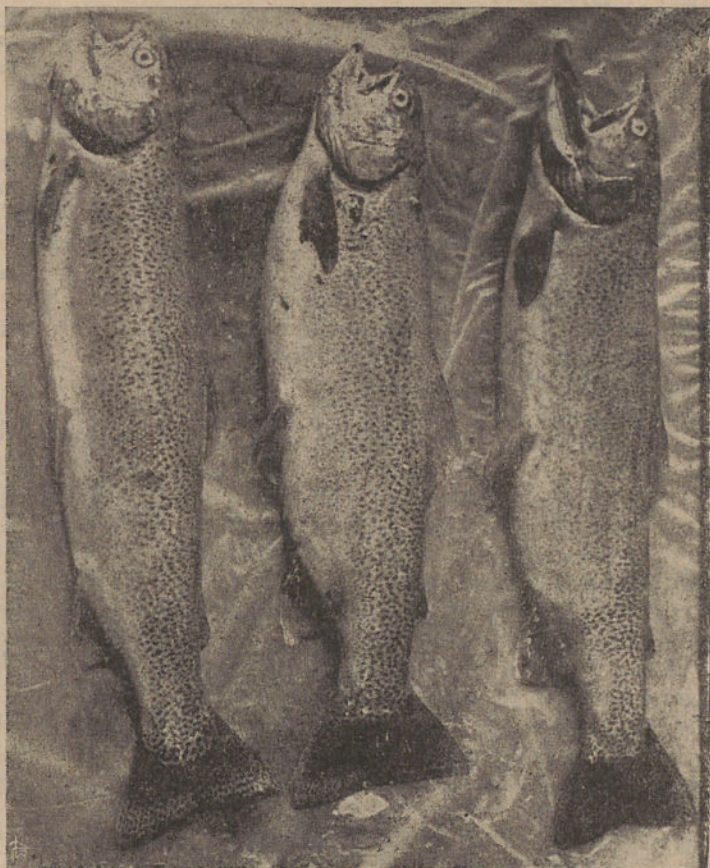
em atractivos, na paisagem, em obras de arte, no clima, estalagens, hotéis...

Fala-se em pesca de alto mar, ao largo de Sesimbra, mas quanto a salmonídeos, é que nada podemos oferecer ao turista.

Na magnífica ilustração *The Field*, de 14 de Janeiro último, número especial dedicado a desporto e viagens, lemos o seguinte:

«Um dos maiores valores no turismo actual é a pesca e, cada vez mais, vários países da Europa se esforçam nesse sentido. Actualmente, o pescador que goze as suas férias no continente tem um maior campo de escolha para o seu desporto favorito. Na Áustria, há várias espécies de peixe, e quase todos os pontos são facilmente acessíveis, embora na parte alta das correntes Alpinas já o pescador de *pluma* terá de ser um bom montanhista. Mas os seus esforços serão bem recompensados. Nos rios da Checoslováquia também a pesca é magnífica e os visitantes têm a vantagem dum bónus especial de câmbio...» (repare o leitor nesta *isca* lançada ao turista) ...Na Dinamarca, na Finlândia, na Alemanha, lagos e rios cheios de trutas!

E também lá se fala em Portugal e de um livrinho que — dizem — a TAP vai editar, onde se apregoará a pesca de mar «off Sesimbra» e também *outra pesca no País*. Que outra pesca? Oxalá não se caia no erro cometido há anos, em que se fez publicar um artigo na *Diana* italiana, e onde se *propagandeava* a pesca às trutas nas nossas albufeiras e rios. Esse artigo foi traduzido em inglês e publicado na *Fishing Gazette*, onde o lemos, e sorrimos tristemente ao ler que as nossas trutas eram muito difíceis e esquivas (*shy*)! Boa explicação e desculpa para os «pre-



Trutas da Lagoa Comprida, em 1954, com 2 kgs cada. Em 1935 e 1936 havia lá milhares de trutas, devido aos povoamentos da Estação Aquícola do Rio Ave. Hoje em dia poucas há, pois foi tudo destruído. Como recomendar tais águas ao turista?

gos» a que o turista estava sujeito... Pois se já quase não havia trutas! Ou então, como no livro das *POUSADAS*, editado pelo SNI, em que se anunciava a pesca da truta em Portugal de 1 de Novembro a 15 de Fevereiro, isto é, durante o defeso fixado pela Lei!!!

E é para dar remédio a tanta coisa torta que com tanto trabalho se chegou à publicação da Lei n.º 2.097 de 6 de Junho de 1959. Só falta o regulamento. Mas esse, parece, que está sujeito ao regime do «retardador».

E terminamos, dizendo como no início destas notas: — oxalá que ao sair este número da *Gazeta* já tenha sido publicado o novo regulamento...

SECÇÃO FEMININA

O cantinho da cozinheira

Temos verificado que a parte da Secção Feminina que mais interesse suscita para a generalidade das leitoras e até, digamos, para alguns leitores, é a da Culinária, o que facilmente se compreende em virtude desta Revista se destinar especialmente às pessoas que vivem em zonas rurais, portanto afastadas dos grandes centros urbanos e por isso mesmo com maior dificuldade em adquirir noções de culinária.

Assim, resolvemos alongar um pouco mais este assunto no presente número, tendo especialmente em vista satisfazer uma consulta dum nosso leitor que, em nome de sua esposa, pediu informações sobre cristalização de frutas.

Parece que a receita inserta no nosso número de 16 de Agosto sobre cristalização de figos deu satisfatório resultado — o que aliás não constituiu surpresa para nós, em virtude de só incluirmos aqui receitas já devidamente experimentadas — e pergunta se o mesmo processo poderá ser aplicado a outros frutos com igual resultado.

Não, caro leitor. O figo é um fruto muito delicado e difícil para cristalização, o que não se dá com os frutos mais carnudos e consistentes. Por isso, também a forma de cristalização é mais complicada e, mesmo assim, conservam-se muito menos tempo, a menos que se lhe adicione o álcool que perde pela fervura.

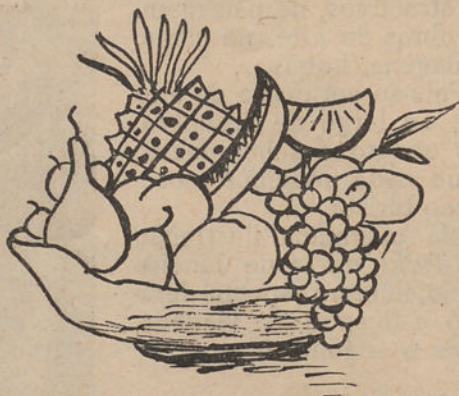
O processo de cristalização dos outros frutos é muito mais simples e requer muito menos cuidados. Eis alguns deles:

Abóbora coberta

Corta-se a abóbora em talhadas e, depois de limpa, polvilha-se com sal e deixa-se assim bem coberta por 24 horas.

Passadas estas, lavam-se muito bem os pedaços e deixam-se de molho em água fria durante um período igual. Findo este, tiram-se da água e dá-se-lhes uma fervura ligeira.

Faz-se uma calda de açúcar vulgar, calculando sempre este na proporção de



$\frac{3}{4}$ para 1 kg de abóbora e deixa-se atingir o ponto de espadana forte; deita-se-lhe a abóbora e deixa-se ferver. Tira-se do lume e guardam-se as fatias dentro do próprio tacho, repetindo esta operação durante quatro dias. Note que basta deixar levantar fervura, nestes dias sucessivos. Findo este período, as talhadas devem estar bem repassadas de açúcar. Retiram-se então, e deixa-se o resto da calda subir a um ponto alto. Mergulham-se nele e põem-se a secar ao sol.

Ameixas caranguejas

Este fruto é óptimo para cristalizar, embora não resista muito ao tempo. Mas conservam-se bem cerca de um mês e meio a dois meses, tudo dependendo da quantidade de açúcar que empregar. Ficam com um aspecto esplêndido e muito gostosas, exactamente iguais às compradas nos estabelecimentos do género. Claro que nas fábricas de confeitaria conservam-nas em calda apropriada e só as cristalizam a pouco e pouco, antes de serem postas à venda, pois, como acima se disse, não resistem por longos períodos.

Faz-se uma calda de açúcar na proporção de $\frac{3}{4}$ deste para cada quilo de frutos e deixa-se ir a ponto de espadana. Deitam-se-lhe dentro as ameixas, sem descarocar, e deixa-se ferver durante dois minutos. Guardam-se na calda e repete-se a operação em quatro dias sucessivos. Estando bem trespassadas, secam-se ao sol.

Tangerinas

Escolhem-se tangerinas bastante pequenas e põem-se a ferver numa calda que, neste caso, deve ser feita na propor-

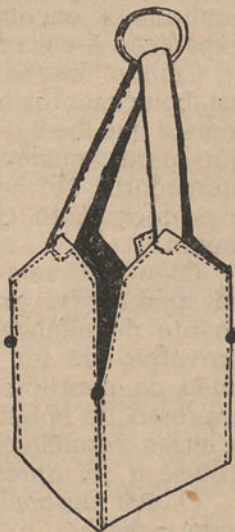
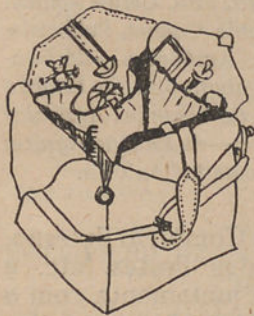
ção de 1 kg de açúcar para 1 kg de frutos. Deixa-se ferver cinco minutos, repletando a operação durante três dias. As tangerinas são utilizadas inteiras e com a própria casca, o que lhes dá um óptimo aspecto e as tornam mais saborosas. Se forem muito ácidas, devem pôr-se de molho, em água, durante dois dias, mudando esta de doze em doze horas.

Saco para bebé

Apresentamos hoje um modelo tão prático e económico que pode ser executado em casa e qualquer tecido serve, sendo mais aconselhável, evidentemente, um bastante consistente. Se puder executá-lo em feltro ou gorgorão, tanto melhor. Pode executar-se com fundo cortado à parte e assente sobre um quadrado de cartão

bem forte ou cortando duas bandas ou tiras, de largura e tamanho de acordo com o gosto e necessidade de cada um, terminadas em bico, e formar a meio delas, justapondo-as e cruzando-as, o próprio fundo que será desenhado por um pesponto interior a toda a volta do quadrado, conforme o gosto.

Quando se cortam as tiras, corta-se juntamente o forro do saco que deve ajustar-se perfeitamente a este. Depois cortam-se também quatro partes um pouco mais largas (o suficiente para dar forma de bolsa, permitindo a introdução dos objectos) mas terminando no ponto onde se inicia a abertura para cada um dos lados — como se vê na gravura em que o



MIRANTE

DOMINGO

Pelo CONDE D'AURORA

FERIU-ME a vista e a sensibilidade, quando há quinze dias regressava de Lisboa, ali por alturas das Caldas, ver uma fila de dez ou doze cavadores de enchada, trabalhando ao Domingo, numa vinha.

A minha epidérmica sensibilidade interamnense fere sempre o espectáculo do trabalho dominical, mas até agora limitára-me a ver uns isolados trabalhadores.

Mas assim uma dúzia, por conta de patrão, era a primeira vez.

«A cavar na vinha do Sr.!»

Graças a Deus que no velho Entre-Douro-e-Minho, por um forte atávico misto do temor a Deus e ao próximo, do respeito a Deus e de respeito humanos, é impossível, ainda hoje em dia, ver trabalhar ao Domingo.

Que o lavrador sabe quais os trabalhos permitidos no dia do Senhor — e os que lhe estão vedados.

Por isso, «cangar o gado» ao Domingo, não se consegue por nada!

Só apanhar erva — a comida dos animais; regar — a bebida da terra; tudo o mais necessário e indispensável, faz-se ao Domingo — menos os trabalhos da semana.

E consolador verificar que o nosso minhoto (e chamo minhoto ao incola de toda esta velha comarca do Entre-Douro-e-Minho) guarda fielmente o dia do Senhor.

Mas não haverá possibilidade prática de burocraticamente evitar que alastre pelo País todo o trabalho rural dominical?

Parece que a proibição do trabalho rural dominical não urgente, sendo regulamentada — e a sua discreta fiscalização, tanto mais fácil quanto o trabalho agrícola é às claras, ao ar livre, bem à vista — não seria coisa difícil de praticar-se.

Afigura-se-me, mesmo, urgente tratar-se do caso — e é dos poucos onde o actual dirigismo será por todos bem aceite.

saco se apresenta aberto. Juntam-se as três partes de cada um dos lados e cozem-se ao mesmo tempo, ao lado seguinte. Ornamenta-se a gosto. Para o forro é essencial aplicar tecido plástico, de preferência de tons muito suaves, pois tratando-se de um saco onde transportará todos os acessórios infantis, há toda a conveniência em não trespassar.

Creemos que esta ideia lhe será de muita utilidade.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes—do *Instituto Superior de Agronomia*; Dr. António Sérgio Pessoa, Médico Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves—do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Dr. Sérgio de Pinho, Advogado; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto C. de Fomento Apícola*.

II

FRUTICULTURA

N.º 36 — Assinante n.º 37:499 — Aveiro.

AQUISIÇÃO DE PORTA-ENXERTOS «EAST MALING IX E PARADIS JAUNE DE METZ. VARIEDADES DE MACIEIRAS PARA ESTES PORTA-ENXERTOS.

PERGUNTA — 1.º Onde arranjar porta-enxertos *East Maling IX* e *Paradis Jaune de Metz* para neles enxertar macieiras de pequeno porte, uma vez que os viveiristas, certamente, não hão-de querer vendê-los, para venderem por melhor preço as macieiras enxertadas.

2.º Que variedades de macieira me aconselha, enxertadas nos porta-enxertos precedentes, com o objectivo de conseguir boas produções de maçãs de longa duração e saborosas.

RESPOSTA — 1.º Os porta-enxertos de *East Maling* podem ser adquiridos em grande número de viveiristas estrangeiros, principalmente franceses e italianos.

Para os importar há necessidade de cumprir as devidas formalidades. Em primeiro lugar corresponder-se com as casas que os podem fornecer, e pedir uma factura pro forma.

Seguidamente, deverá preencher um boletim de registo, impresso que pode

obter na Repartição do Comércio Externo, na Junta Nacional das Frutas, etc. e preenché-lo e enviá-lo, juntamente com a factura pro forma à Junta Nacional das Frutas.

Esta dará a autorização da importação, enviado o impresso referente ao despacho alfandegário e ao banco para aquisição das necessárias divisas.

Uma vez de posse desta autorização confirma a encomenda e dá ordem de expedição à casa fornecedora.

Com o impresso que se destina aos estabelecimentos bancários, do boletim de registo que lhe é devolvido adquire o cheque para liquidação da importância da mercadoria. No banco dão-lhe o cheque e o documento comprovativo do pagamento.

Logo que seja avisado da expedição da mercadoria entrega ao seu despachante da alfândega o documento comprovativo de ter pago a mercadoria, o talão da contribuição predial e o outro impresso do boletim de registo que diz a a letras vermelhas — *este exemplar destina-se a ser apresentado na Alfândega*.

O seu despachante encarrega-se de todo o resto.

Mas o processo não é simples como se pode ver. Será preferível encarregar

um viveirista de fazer a respectiva importação dando-lhe a correspondente comissão.

As casas que podem fornecer estes porta-enxertos podem ser:

F. Delaunay — Angers-France; Arturo Ansaloni — via Orett 14 — Bologna-Itália.

2.º Pode enxertar nestes porta-enxertos as melhores variedades americanas nomeadamente a *Golden Delicious*, *Starking*, *Delicious*, *Stayman Winesap*, *Mac Intosh Red*, *Hoover*, etc. e ainda a *R. du Canadá*, *R. des Reinettes*, etc. — *Madeira Lobo*.

III

VITICULTURA

N.º 37 — Assinante n.º 44:720 — *Rossio ao Sul do Tejo*.

MERGULHIA DE VIDEIRAS. RECONSTITUIÇÃO DE VINHA

PERGUNTA — Possuo uma vinha que confronta com o rio Tejo e que sofre a invasão das águas, com todas as consequências, logo que o rio enche. Nesta altura do ano penso realizar alguns trabalhos na sua valorização e, para isso, venho pedir a opinião da *Gazeta*.

Trata-se de uma vinha já antiga, mas, na sua maior parte, na força da produção. Na baixa, ponto mais sacrificado pelas cheias, tem algumas falhas, talvez um terço da sua área, mas a parte restante é muito vasta, havendo pontos em que as cepas estão lado a lado.

Agora pretendo, por fases, alinhar as cepas, mergulhando-as, deixando o compasso de linhas de 2m e de cepas 0,80. Em alguns pontos que não possa fazer a mergulhia, penso plantar bachelos dum pequeno viveiro que possuo.

Nas mergulhias, como algumas cepas são de qualidade inferior, pretendo-as enxertar em *Fernão Pires* e *Castelo Francês*. Poderei fazer estes serviços, ou terei de pedir alguma autorização especial? No caso de poder realizar estes serviços, posso já este ano enxertar as mergulhias?

RESPOSTA — Não aconselhamos a mergulhia das cepas, dado que as videiras ficariam a viver sobre raízes de *Vitis vinifera*, videira europeia, portanto sujeita a ser atacada pela filoxera.

O compasso entre as videiras na linha de 0,80 é também apertado.

Quando as vinhas atingem o estado

que esta apresenta, o mais prático é proceder à reconstituição total.

Antes deverá pedir a necessária autorização ao senhor Director-Geral dos Serviços Agrícolas, conforme se indicou no primeiro número desta revista, deste ano.

Deverá portanto requerer a reconstituição e entregar o requerimento antes do dia 15 de Abril. A autorização somente virá para o próximo ano.

Antes da vinha ser vistoriada não convém ser arrancada, pois deverá ter mais de 50% do povoamento inicial e não estar abandonada, para ser considerada a respectiva reconstituição pelos serviços de plantio.

Uma vez obtida a autorização pode começar a reconstituição, podendo, se a vinha é grande, realizar esta obra em mais do que um ano; divide a vinha em talhões, e, todos os anos, reconstitui um.

Na nova plantação deve ter o cuidado de utilizar apenas porta-enxertos bem adaptados ao meio, e enxertá-los com castas regionais capazes de produzir vinhos de qualidade como lhe será indicado pelos serviços reguladores do plantio da vinha. — *Madeira Lobo*.

N.º 38 — Assinante n.º 32:132 — *Porto*.

PLANTAÇÃO DE VINHA

PERGUNTA — A terra é de lugar plano, bastante seco no Verão e no Outono.

Já está surribada e desejo lá plantar, em *Fevereiro*, vinha. Foi estrumada com giestas.

Na região usam muito o barbado americano 3309. Riparia Rupestris, mas em alguns lugares, julgo, não dar bem.

Aconselharam-me a usar o Riparia × Berlandieri 420-A. Será bom ou haverá ainda melhor?

O terreno está situado a 5 quilómetros de Chaves.

Muito agradeço o favor de me dizer, em face da análise, qual o caminho a seguir.

RESPOSTA — Os porta-enxertos indicados não se adaptam bem aos terrenos referidos.

Para esse tipo de solos estão indicados especialmente o R-99 e R-110, sendo também aconselhável o 420-A.

Há uma certa dificuldade na obtenção dos referidos porta-enxertos pelo que convém procurá-los desde já em qualquer viveirista de confiança. Se, porém, não

VINHOS—AZEITES—Secção técnica, sobreanálises de vinhos, vinagres, aguardentes e azeites, etc. Consultas técnicas e montagem de laboratórios. Licores para todas as análises, marca **VINO-VITO**. Aparelho para a investigação de óleos estranhos nos azeites. — Dirigir a **VINO-VITO** R. Cais de Santarém, 10 (ao Cais da Areia)—**LISBOA** — Telefone, 27130

as não têm em fase generalizada p venda ao público. — *Benevides de Melo.*

XIV

ZOOTECNIA

N.º 40 — Assinante n.º 39.573 — *Evora.*

A BETERRABA FORRAGEIRA NA ALIMENTAÇÃO DE VACAS LEITEIRAS E SUÍNOS

PERGUNTA — O meu interesse pela cultura da beterraba, consequente do artigo lido a páginas 207/210 do N.º 2395 da «Gazeta», leva-me a solicitar o favor das seguintes informações acerca do valor alimentar do dito tubérculo:

1.º Seu comportamento na alimentação de vacas leiteiras e de porcos de recria e de engorda, assim como porções a dar por dia;

2.º A 100 kg. de beterraba quantos kg. de sementes das fábricas de farinhas espoadas correspondem?

RESPOSTA — 1.º Estes tubérculos são ricos em princípios nutritivos, contendo uma regular percentagem de açúcar. Como as restantes raízes alimentícias, são pobres em proteína digerível.

É um soberbo alimento refrescante, com elevado coeficiente de digestibilidade, rico em vitaminas, cálcio, fósforo e água, esta tão necessária aos alimentos dos produtos leiteiros.

Não pode contudo empregar-se exclusivamente na alimentação, sendo antes um correctivo das rações secas.

É necessário cortar-se em fragmentos para evitar que os animais se engasguem.

A dose é variável, consoante os restantes elementos componentes da ração, o talhe do animal, a idade, a produção leiteira, etc.

Exemplos:

VACAS

Beterrabas	4	Kg.
Maças esmagadas e dessecadas	12	»
Farelos	0,5	»
Palha de aveia cortada	3	»
Beterrabas	10	Kg.
Grãos	2,5	»
Bagaço de linhaça	2,5	»
Feno	3	»
Palha cortada	7	»

conseguir obtê-lo numa casa de confiança, é preferível não plantar este ano esperar para o próximo, pois o futuro da vinha depende em grande parte da boa escolha do cavalo.

Se plantar este ano, deve, na Primavera, fazer uma nitragem, empregando cerca de 50 gramas de nitrato de sódio em volta de cada bacelo. — *Madeira Lobo.*

VII

PATOLOGIA VEGETAL

N.º 39 — Assinante n.º 9.297 — *Ponta Delgada (Açores).*

FUNGO QUE ATACA O FEIJOEIRO

PERGUNTA — Este ano apareceu-me num feijoal uma doença que se manifestava pelo aparecimento de flocos brancos rentes à terra, nos caules dos feijoeiros, terminando pela morte destes.

Experimentei todos os anticriptogâmicos conhecidos e só o sulfato neutro de oxiquinoleína resultou, mas este produto é caro e, além disso, de difícil importação.

Que fazer na próxima cultura do feijão?

RESPOSTA — Tratando-se dum fungo, o agente que molesta o seu feijoal, de que com prazer receberíamos uma amostra, o qual se apresenta manifestando-se pelo aparecimento de flocos brancos à flor da terra, estamos quase certos que os fungicidas cúpricos tradicionais ou mesmo outros de aparecimento mais moderno como os do tipo Zinebe ou Captan serão capazes de debelar a doença a que se refere, uma vez oportuna e convenientemente aplicados.

A linha de produtos a base oxiquinoleína — uns de acção fungicida, outros de efeitos insecticidas — é ainda entre nós bastante pouco conhecida, podendo mesmo dizer-se que a maioria das casas da especialidade de venda destes fármacos ainda

Beterrabas	12	Kg.
Palha miúda	1	»
Feno de prado	10	»
Palha de trigo	2	»

Beterrabas	15	Kg.
Batatas	10	»
Feno	5	»
Cevada triturada	1	»
Bagaço de algodão	1	»
Palha muito cortada	2,5	»

Beterrabas	20	Kg.
Feno	5	»
Trigo	5	»
Farelos	1,5	»
Bagaço de colza	1,5	»

Beterrabas	30	Kg.
Feno	5	»
Bagaço de amendoim	1,5	»
Palha de trigo cortada	3	»

SUINOS

Recria

Beterrabas forrageiras	1	Kg.
Resíduos de cozinha	3	»
Milho triturado	0,5	»
Farinha de peixe	0,1	»

Fase preparatória de ceva

Beterrabas forrageiras	3	Kg.
Leite desnatado	4	»
Batatas	6	»
Abóboras	3	»
Sêmas de trigo	1	»

Ração para uma porca de 150 Kg. de peso vivo, com 10 leitões de uma semana

Beterrabas forrageiras	5	Kg.
Leite desnatado	10	»
Sêmas de trigo	2	»
Bagaço de palmiste	0,2	»

Idem

Beterrabas forrageiras	3	Kg.
Bolotas de azinho (inteiras)	2,5	»
Bagaço de azeitona	1	»
Bagaço de palmiste	0,4	»
Farinha de peixe	0,7	»

Porca de 180 Kg. de peso vivo, com 8 leitões com 4 semanas de idade

Beterrabas forrageiras	6	Kg.
Leite desnatado	13	»
Bagaço de palmiste	1	»
Sêmas de trigo	2	»

2.º A 100 Kg. de beterrabas forrageiras correspondem 13 Kg., 888 de sêmas de trigo (valor médio), em U. F. — *Carrilho Chaves*.

XVI

AVICULTURA

N.º 41 — Assinante n.º 39:223 — *Mealhada*.

POSTURA DE «LEGHORN»

PERGUNTA — Adquiri há um mês uma dúzia de galinhas da raça *Leghorn* que me garantiram pôr muito bem. A princípio punham uma média de 7 ovos diários, mas ao fim da segunda semana baixaram e agora põem só 2 ovos por dia, comendo a mesma qualidade e quantidade de farinha.

Há quem me diga que é preciso ter um galo para porem melhor. Será verdade isso?

RESPOSTA — O simples facto das galinhas pertencerem à raça «*Leghorn*» não é garantia de que ponham muito bem, pois tanto nesta como noutra qualquer raça existem boas e más poedeiras. No entanto, por melhores que as aves sejam elas não conseguirão evidenciar quanto valem se não receberem uma alimentação bem equilibrada nos vários princípios nutritivos e não forem devidamente tratadas e alojadas.

A presença do galo não tem influência sobre a postura. Eles só deverão coabitar com as galinhas quando haja necessidade de obter ovos para incubação, porquanto os ovos para consumo não devem ser fecundados, por se alterarem mais rapidamente. — *Sérgio Pessoa*.

N.º 42 — Assinante n.º 43:258 — *Monção*.

RAÇAS POEDEIRAS. CASTRAÇÃO DE FRANGOS

PERGUNTA — Como desejo conhecer alguma coisa sobre a construção de um pequeno aviário, interessava-me saber quais as melhores raças de galinhas, por exemplo, para a produção de ovos: tenho a melhor referência da *Leghorn* branca, mas é possível que haja melhor.

Para a produção de carne tenho bons informes da *Plymouth Rock*, mas também desejava conhecer outras.

É de aconselhar a castração dos pintos quando estes estejam a passar para frangos? Em caso afirmativo, desejava saber se poderei conseguir livros que ensinem como castrar, assim como para construir e organizar um aviário.

RESPOSTA — A resposta à primeira parte desta consulta será assunto de um artigo, a publicar nesta *Gazeta*, intitulado "Raças puras ou cruzamentos?".

Quanto à castração dos frangos, somos da opinião de que esta operação só se justifica quando haja quem valorize devidamente os capões em função da qualidade da sua carne, e não apenas da quantidade, pois é sabido que o rendimento de carne é tanto menor quanto mais os frangos ultrapassam a idade de 2,5 ou 3 meses, visto carecerem cada vez de maior quantidade de ração para alcançarem determinado aumento de peso.

Portanto, nas condições actuais do nosso mercado, só em casos muito particulares se justifica esta prática, a qual, seja referente ao processo cirúrgico seja ao químico, se encontra descrita em vários livros de avicultura, tais como:

Practical poultry Management — James E. Rice; *Cartilha avícola* — Pedro C. Biedma.

A construção e organização de um aviário depende, entre outros factores, da sua finalidade, isto é, se ele se destina à reprodução e selecção, e neste caso que grau de selecção se pretende praticar, ou se apenas visa a produção de ovos para consumo, de carne, ou de ovos e carne simultaneamente.

Esta matéria encontra-se esparsa em vários livros, não tendo nós conhecimento de qualquer obra que se ocupe dela exclusivamente.

No entanto nas obras a seguir indicadas poderá encontrar indicações úteis sobre este assunto:

Avicultura — A. Morley Jull; *Manual de Avicultura* — José M. Lasheras; *Avicultura* — A. Sérgio Pessoa; *Instalações Agrícolas* — Botelho de Macedo. — *Sérgio Pessoa*.

XXIII

DIREITO RURAL

N.º 43 — Assinante n.º 42978 — Santa Comba Dão.

AQUISIÇÃO DE BALDIOS

PERGUNTA — A Câmara Municipal deste concelho vai proceder à venda de alguns terrenos baldios. Interessa-me comprar alguns lotes destes terrenos, situados na minha freguesia. Creio que a

Junta se opõe à venda dos seus baldios, com a alegação de que são paroquiais, por serem desde tempos imemoriais usufruídos única e exclusivamente pelos seus moradores, estando, por isso, ao abrigo dos art.os 393.º § único e 389.º § 2.º.

Estes baldios estão inscritos na matriz em nome da Junta de Paróquia, sem qualquer averbamento a favor de outra entidade, dizendo apenas a tinta vermelha — Acc. 1901. Ao abrigo do art. 391.º § único, 1.º, 2.º e 3.º, quando inventariados pela Câmara, não indicaram se eram paroquiais ou municipais.

Até ao presente continuam a ser usufruídos pelos moradores da freguesia. São estas as informações que colhi na Junta de Freguesia.

Pode a Junta opor-se à sua venda? Posso comprar sem receio de quaisquer embaraços futuros?

RESPOSTA — Os terrenos baldios, nos termos dos §§ 1.º e 2.º do art. 389.º do Código Administrativo presumem-se:

a) Municipais se, há pelo menos 30 anos, estão no logradouro comum e exclusivo dos moradores de um concelho ou de mais de uma freguesia dele;

b) Paroquiais se, há pelo menos 30 anos, estão no logradouro comum e exclusivo dos moradores de uma freguesia ou de parte dela.

As Câmaras não devem declarar como municipais os prédios baldios que andem na posse das Juntas ou que estas considerem como baldios paroquiais e, em caso de dúvida, só os tribunais poderão decidir: Circular da Direcção-Geral da Administração Política e Civil de 10-10-1928.

Se a Câmara se propõe vender certos baldios presumo que estes foram já inventariados, nos termos do art. 391.º do Código Administrativo e que foi facultado à Junta interessada o recurso previsto no art. 392.º, § 1.º.

A falta de recurso por parte da Junta dentro do prazo em que o inventário está patente ao público, sancionou tácitamente a classificação dos baldios feita pela Câmara.

A compra de baldios litigiosos pode ser fonte de incómodos, muito embora a Câmara possa ser responsabilizada por perdas e danos por vender o que não está sob a sua administração. — *Sérgio de Pinho*.

REMIÇÃO DE FORO

PERGUNTA — Herdei há 30 anos de pessoa de família uma terra de lavradio, da qual se pagavam de foro 16,119 litros (uma raza, medida concehna) anualmente a um determinado casal. Este foi vendido e o novo senhor exige que lhe pague pão meado pela medida reguenga, alegando que ao seu directo senhor também assim paga.

Neguei-me a pagar nessas condições e só pagaria se me provasse com documentos que devo pagar. Estou dentro da razão? Sei que não possuo qualquer documento, apenas o meu terreno é mencionado (descrito) no respectivo prazer de director senhor.

a) — Qual é o decreto que regula a remição de foros?

b) — Quando termina o prazo de remir?

c) — Como devemos proceder para exigir a remição?

d) — Como é calculado o laudémio?

e) — Para obter o valor do foro com laudémio da quarentena, como se procede?

RESPOSTA — O senhor assinante deve pagar o foro como sempre o pagou.

Tratando-se de um subemprazamento, neste pode ter sido estipulado um foro diverso daquele que corresponde ao emprazamento.

Nada importa, pois, o modo como o enfiteuta paga o foro a que está obrigado.

E agora respondo às perguntas com que termina a consulta:

a) — A remição de foros vem regulada no art. 1.654.º do Código Civil.

b) — No caso do senhor assinante, a remição pode ser imediata.

c) — A remição pode ser feita por acordo entre as partes ou imposta judicialmente. Neste caso o senhorio directo terá de aceitar a liquidação feita em juízo.

d) — O laudémio de quarentena corresponde a 2,5% do valor total do prédio, depois de deduzido neste o valor do foro.

E o valor do foro corresponde à soma de 20 pensões anuais. Se é pago em géneros, o valor destes consegue-se à base da média dos preços correntes dos últimos três anos, a extrair da estiva camarária.

e) — O preço da remição será o valor do foro mais o laudémio. Este será calculado tomando o valor do prédio já deduzido do valor do foro.

Um exemplo: se o prédio tiver o valor de 100.000\$00, se o foro anual, já tradu-

zido em escudos, for de 20\$00 e o laudémio for de quarentena, teremos:

$$\begin{aligned} 100.000\$00 - 400\$00 &= 99.600\$00 \\ 2,5 \% \text{ de } 99.600\$00 &= 2.490\$00 \\ 2.490000 + 400\$00 &= 2.890\$00 \end{aligned}$$

O preço da remição será, pois, de 2.890\$00. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 45 — Assinante n.º 33:405 — Carapinheira do Campo.

PLANTAÇÃO E SEMENTEIRA DE EUCA-LIPTOS. ABERTURA DE POÇOS E MINAS

PERGUNTA — Por óbito dos meus progenitores, coube-me em partilhas um prédio misto (casas e terras de sementeira), onde existe, ao fundo, uma porção de eucaliptos que, suponho, devem ter sido plantados há mais de 50 anos.

Confina o meu prédio, ao poente, igualmente com terra de sementeira, e ao sul, com uma vinha. Os possuidores de ambas já várias vezes me têm solicitado para arrancar aquelas árvores, ao que não tenho anuído porque entendo nenhuma razão lhes assistir, visto não serem de regadio os 2 prédios vizinhos.

Peço o favor de esclarecer se estou ou não dentro da razão.

O vizinho, lado sul, abriu agora, mesmo pela estrema, uma barroca com 1,5m de fundo; podia abri-la mesmo pela estrema?

Desejava saber se foi correcto o procedimento do vizinho, e o mais que devo fazer.

RESPOSTA—1.ª Pergunta: O assunto vem regulado no Decreto n.º 28.039 de 14-9-1937, cujo artigo 1.º estabelece a proibição de plantação ou sementeira de eucaliptos a menos de 20 metros de terrenos cultivados ou a menos de 30 metros de nascentes, terras de cultura de regadio, muros e prédios urbanos.

No caso presente, estando os eucaliptos implantados a menos de 20 metros de terrenos cultivados, pode ser requerido, pelos proprietários destes, o seu arrancamento.

Se, porém, as árvores tiverem sido plantadas ou semeadas antes da lei n.º 1.951, de 9-3-1937 e ao abrigo das disposições legais em vigor à data da plantação ou sementeira, o arrancamento dará lugar ao pagamento da indemnização que for justa: § único do art. 2.º do Decreto já citado.

2.ª Pergunta: Os artigos 2.321, 2.322 e 2.333 do Código Civil permitem ao proprietário abrir no seu prédio poços ou

minas e fazer as escavações que bem lhe pareçam, com as seguintes restrições:

a) As escavações ou minas não podem ultrapassar a linha perpendicular divisória sem consentimento do vizinho.

b) As escavações serão feitas guardando a distância conveniente para evitar prejuízos no prédio vizinho ou acompanhadas das obras necessárias para obter a eles.

Se tais prejuízos se efectivarem, haverá lugar a indemnização. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 46 — *Assinante n.º 25:457 — Lisboa.*

O ARRENDAMENTO E O DIREITO DE PROPRIEDADE

PERGUNTA — Tenho uma propriedade onde arrendei, para hortar, uma série de courelas contíguas, mediante determinadas condições. Isto, há anos.

O arrendamento foi apenas *verbal* e os rendeiros têm satisfeito sempre as suas obrigações. Desejava saber:

1.º A permanência desses rendeiros *por mais de 30 anos* na exploração da sua courela, que presentemente trazem de renda, pode dar-lhes direito de posse?

2.º Em caso afirmativo, como devo proceder para lhes tirar esse direito?

RESPOSTA — A permanência dos arrendatários nos prédios arrendados, mesmo por período superior a 30 anos, não afecta de qualquer modo o direito de propriedade do senhorio. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 47 — *Assinante n.º 41:160 — Valpaços.*

CONTRIBUIÇÃO PARA O FUNDO DE DESEMPREGO

PERGUNTA — Numa minha propriedade, e para o efeito de rega, mandei edificar um pequeno açude, por cujos trabalhos e com a exigência de me levar ao tribunal, querem cobrar o Fundo de Desemprego.

Como em tempos li num número da *Gazeta* que o Fundo de Desemprego em serviços agrícolas estava dispensado de pagamento (alínea c), § 7.º do art. 20.º, Dec. n.º 21699, de 19-9-32), muito agradecia dizer-me se ainda prevalece essa isenção e o que devo fazer para contestar o pagamento que julgo ser indevidamente exigido.

RESPOSTA — Nos termos do art. 20.º do Dec. n.º 21.699, de 30-9-32, tanto os patrões como os empregados são obriga-

dos a contribuir para o Fundo do Desemprego. E é da responsabilidade dos patrões a liquidação e pagamento da contribuição dos empregados, a deduzir nos respectivos salários.

No caso da consulta, tratando-se de trabalhos agrícolas, está o patrão isento da cotização: alínea c) do § 7.º do art. 20.º.

Mas pelo que respeita aos operários empregados nos trabalhos, não me parece que beneficiem da isenção prevista na alínea b) do § 8.º, já que, pela natureza dos trabalhos a executar não poderão ser considerados como trabalhadores rurais, únicos isentos. Entendo, pois, que se a cotização exigida é, como presumo, relativa aos operários, deve ser paga. — *Sérgio de Pinho.*

N.º 48 — *Assinante n.º 42:566 — Meda.*

ÁRVORES EM TERRENO ALHEIO

PERGUNTA — Sou proprietário de oliveiras e figueiras situadas em terrenos de outras pessoas e tenho terras que têm também oliveiras de outras pessoas e como os donos das terras em que se encontram as minhas oliveiras me querem comprar a vender-lhas, desejava saber, de acordo com a Lei, quanto posso exigir e quanto sou obrigado a pagar, assim como a forma de fazer as avaliações.

RESPOSTA — O art. 2.308.º do Código Civil estabelece:

«O dono do prédio, onde existirem árvores alheias, poderá adquiri-las, pagando o seu valor, excepto se, por efeito de contrato, se tiver obrigado a conservá-las no domínio alheio, por certo número de anos, que nunca poderão exceder a trinta».

Como se vê, a disposição transcrita faz distinção entre:

- a) Árvores existentes sem prazo fixo;
- b) Árvores com prazo convencionado.

Na primeira hipótese, o dono do terreno pode adquirir as árvores a todo o tempo, pagando o seu valor *actual*.

No segundo caso, pode o proprietário da terra usar de acção judicial, no caso do dono das árvores se recusar a vendê-las, findo que seja o prazo estipulado.

Em qualquer das hipóteses, o valor da transacção será o que em acordo se fixou. — *Sérgio de Pinho.*



INFORMAÇÕES

Estação Agrária do Porto

Curso de sanidade vegetal

Tem funcionado na Estação Agrária do Porto o primeiro curso de sanidade vegetal para aperfeiçoamento técnico dos engenheiros agrónomos da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas que têm a seu cargo os serviços de assistência técnica à lavoura na 1.ª, 2.ª e 4.ª regiões agrícolas.

O curso, com a duração de quatro dias, foi organizado pela Repartição de Serviços Fitopatológicos daquela Direcção Geral, estando presentes, além dos técnicos a que se destinava, o director de Serviços de Extensão Agrícola e Condicionamento de Culturas, sr. eng. agrónomo D. Fernando de Vilhena; o chefe da referida Repartição, sr. eng. agrónomo Augusto Rosa Azevedo; os engs. agrónomos dr. Branquinho de Oliveira e Magalhães Silva e a sr.ª dr.ª D. Maria de Lurdes Branquinho de Oliveira, da Estação Agronómica Nacional, que proferiram as lições: os inspectores-chefes e inspectores de zona, srs. engs. agrónomos Trigo de Abreu Francisco Aranha Monteiro do Amaral e António Lacerda, e outro pessoal técnico superior da D. G. S. A.

Junta Nacional do Vinho

Prova de vinhos na América

Cerca de mil e quinhentos californianos, nomeadamente importadores, produtores, armazenistas e retalhistas, reuniram-se num hotel de S. Francisco, por iniciativa do Consulado de Portugal. Motivou esta reunião uma prova de vinhos portugueses, organizada em colaboração com a Junta Nacional do Vinho e a «Wine Society», daquela cidade.

Os convidados puderam saborear — e, no final, elogiar por unanimidade — vinhos portugueses de oitenta marcas diferentes.

Quer isto dizer que se prossegue na divulgação das virtudes dos nossos vinhos, para exportação, e na política da qualidade, como medida interna. Há que salientar o auxílio que está sendo dado à exportação, através do fornecimento de vinhos a

preço económico, pela Junta Nacional do Vinho, ao comércio exportador, em termos de se enfrentar, com vantagem, a concorrência internacional.

Assim, a partir de 1954, tem sido considerável o volume de vinhos entregues para exportação, tendo atingido, numa só campanha, cerca de vinte e sete milhões de litros.

Proporciona-se, deste modo e com iniciativas semelhantes à «prova» do Hotel de S. Francisco da Califórnia, a recuperação de posições nos nossos mercados externos e a conquista de outros, para uma maior expansão dos nossos produtos vínicos.

Os resultados revelam-se, aliás, de forma exuberante: em exportações de vinho comum para o estrangeiro, passou-se, em poucos anos, da ordem dos dez milhões para a dos trinta milhões de litros.

Corporação da Lavoura

No sede da Corporação da Lavoura reuniram-se recentemente grande número de produtores de tomate, que estudaram vários problemas relacionados com aquela cultura, sobretudo no que se refere a preços e normas de classificação por parte da indústria, que têm dado lugar a reparos.

Presidiu à reunião o sr. eng.º Caldas de Almeida, presidente da Corporação da Lavoura e a ela assistiram também o sr. eng.º Neves Barreto, da Junta Nacional de Frutas, e representantes de todas as fábricas de concentrados.

Lagar Cooperativo da Vidigueira

Na inauguração deste Lagar, o secretário de Estado da Agricultura, sr. eng. Luis Martin Graça, declarou em resumo que, com aquele lagar, se abriu mais uma brecha no individualismo tão característico do lavrador português e que surgia mais uma unidade reveladora de que a lavoura se apercebe que, em determinados domínios da sua actividade, no aspecto técnico, quanto à qualidade e homogeneidade dos produtos, e no económico, para um melhor aproveitamento e menor custo dos produtos, a cooperação é indispensável.

Depois de declarar que a cooperação agrícola no nosso país tem evoluído de forma apreciável nos últimos anos, e que esse êxito se deve à existência da maioria das cooperativas, apresentou alguns números elucidativos:

Funcionam actualmente cerca de 50 cooperativas de olivicultores, das quais 30 organizadas nos últimos oito anos. São constituídas por cerca de 10.000 sócios, dispõem de mais de 200 prensas e de cerca de 40 centrifugas, sendo o seu custo de instalação superior a 40 mil contos.

O azeite produzido pelos 20 milhões de quilos de azeitona trabalhada na campanha 1957-58 atingiu 4 milhões de litros numa produção nacional de 110 milhões, ou seja, cerca de 4 por cento do total.

O sr. eng. Quartim Graça disse ser de desejar que desapareça o facto de nem todas as cooperativas terem recebido o apoio que seria de esperar por parte da lavoura e dos seus associados. Por fim, felicitou os promotores da magnífica iniciativa que é o Lagar Cooperativo da Vidigueira.

Cursos de podadores em Santarém

Dirigidos pela Brigada da VII Região Agrícola, com sede em Santarém, têm estado a decorrer, naquela cidade, os trabalhos de dois cursos de podadores, com a frequência de cerca de 30 interessados.

Estas especializações dos operários muito vêm à vida agrícola da região, onde a Brigada tem desenvolvido uma larga e eficiente actividade.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo
Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

3.ª década (21-31) de Janeiro de 1960

O aspecto vegetativo das culturas é regular, de um modo geral. A chuva que caiu durante a década manteve ou mesmo melhorou o aspecto vegetativo das forragens e culturas hortícolas, mas, por outro lado, causou em algumas regiões, onde caiu mais abundantemente, prejuízos avultados provocados pelas enxurradas e inundações que, nomeadamente nas bacias do Tejo e Douro, afectaram grandes áreas e destruíram muitas culturas.

Devido também à chuva, as terras mantiveram-se quase sempre encharcadas, pelo que foram pequenas as actividades agrícolas durante esta década; no entanto, e sempre que foi possível, continuaram os trabalhos agrícolas próprios da época, como plantações e podas de árvores de fruto, apanha de azeitona e de citrinos, etc.

Cotações do Mercado Abastecedor de Frutas do Porto

No dia 8-2-1960

Espécies	Procedências	Designação das taras	Preços por volume		
			Máximo	Mínimo	Mais frequente
Limão . .	Baixo Douro	N.º 2	35\$00	30\$00	35\$00
Pera . . .	Oeste	»	280\$00	160\$00	280\$00
Laranja .	Oeste	»	50\$00	25\$00	60\$00
	Coimbra	»	50\$00	20\$00	30\$00
	Ribatejo	»	20\$00	—	—
	»	»	30\$00	—	—
	Braga	»	25\$00	—	—
	Elvas	»	40\$00	—	—
	Baixo Douro	»	70\$00	20\$00	40\$00
	Sotavento	»	80\$00	40\$00	65\$00
	Sotavento	»	130\$00	50\$00	100\$00
	Sotavento	Cesta	70\$00	50\$00	60\$00
	Alto Douro	N.º 2	80\$00	20\$00	70\$00
Maçã . .	Alto Douro	»	300\$00	20\$00	80\$00
	Mirandela	Cx n.º 1	85\$00	—	—
	»	Cx exp.			
	»	D.	90\$00	—	—
	Oeste	Cx n.º 1	140\$00	50\$00	130\$00
	Oeste	Cx n.º 2	170\$00	110\$00	160\$00
	Oeste	N.º 2	150\$00	45\$00	100\$00
	»	N.º 1	60\$00	50\$00	50\$00
	Baixo Douro	N.º 2	130\$00	90\$00	100\$00
Tanger...	Braga	»	75\$00	—	—
	R. C. Braga	»	75\$00	50\$00	70\$00
	Coimbra	N.º 1	60\$00	35\$00	50\$00
	Coimbra	N.º 2	80\$00	35\$00	60\$00
	Oeste	N.º 1	90\$00	60\$00	90\$00
	Oeste	N.º 2	120\$00	60\$00	110\$00
	Alto Douro	N.º 1	70\$00	35\$00	35\$00
	Alto Douro	N.º 2	100\$00	50\$00	70\$00
	Sotavento	Cx n.º 1	80\$00	—	—
	Sotavento	N.º 1	90\$00	40\$00	60\$00
	Sotavento	Cesta	80\$00	55\$00	80\$00
	Baixo Douro	N.º 2	90\$00	40\$00	60\$00
	Ribatejo	N.º 1	40\$00	15\$00	40\$00
	»	N.º 2	60\$00	30\$00	60\$00

NOTA — N.º (1) São cabazes com o peso de 15 a 22 quilos

» (2) » » » » » 20 a 30 »

Cestas » » » » 20 a 25 »

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Coelhos Gigante de Espanha leonados, compram-se. Indicar preço para Eurico Miranda Braga — Praça da Sé, 21 — Bragança.



A U N I F A

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T, embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDEDORES DA

Companhia União Fabril

Rua do Comércio, 49 — LISBOA

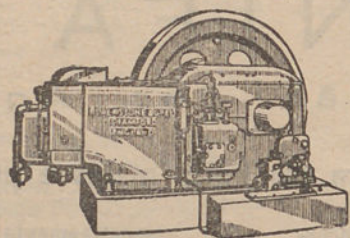
Rua Sá da Bandeira, 84 — PORTO

Se pensa em
JÓIAS-PRATAS
MÁRMORES
BRONZES

Pense V. Ex.^a na
Ourivesaria
Aliança

191, R. das Flores, 211
P O R T O

Filial em LISBOA: 3056
R Garrett (Chiado), 50



PARA:

- DEBULHADORAS
- LAGARES DE AZEITE
- MOAGENS
- BOMBAS

MOTORES DIESEL

Lister-Blackstone

Pinto & Cruz, Limitada

Rua de Alexandre Braga, 60-64 — Telefone, 26001/2 — PORTO

3177

O grande perigo:

**Cansaço
quando
se guia!**



Cafiaspirina[®]

refresca,
combate
o cansaço e
as dores de cabeça



5640

Insecticidas - Fungicidas e Herbicidas
“Ortho” e “Ormental”

Laranjol — Emulsão oleosa de verão para as cochonilhas dos citrinos e de outras plantas.

Cochonol — Emulsão oleosa de inverno para árvores de folha caduca.

Orthion 20 — À base de Parathion (20 %).

Malatox 50 — À base de Malathion (50 %).

Lindox 5, 20 e 100 — À base de Lindane.

Lindox 50 — À base de B. H. C.

Panfonal 10 e 50 — À base de D. D. T.

Ortane 5 e 75 — À base de Chlordane.

Vapotone 20 — A base de T. E. P. P. para os piolhos ou morrilhões.

Orthocide 83 — Fungicida à base de Captan. Substitui os fungicidas cúpricos com vantagem. Conhecido por «penicilina» das plantas.

Lironox — Herbicida à base de M. C. P. A. Para maior eficácia destes produtos empregue os pulverizadores BACCHUS e VAULTIER e as torpilhas BACCHUS

Exclusivo de: H. VAULTIER & C.^A

2587



O QUE DÁ RESULTADO CERTO... NUNCA É CARO

Sabendo que por cada 100 kgs. de NITRATO DO CHILE aplicados na **cultura do trigo** em cobertura se obtêm mais 250 kgs. de grão — não há que hesitar, nem recorrer a produtos mais baratos.

Empregando NITRATO DO CHILE tereis a garantia de usar um produto **natural**, nobre e de comprovada eficiência.

Com NITRATO DE SÓDIO DO CHILE garante-se a **fertilidade dos solos** e a **sanidade das culturas**.

30 elementos secundários (Boro, Manganés, lodo, Molibdénio, etc.).
Não acidifica as terras.

O adubo azotado com maior experiência nos solos do País.

POR ISSO A LAVOURA O
PREFERE E O EXIGE



NITRATO DE SÓDIO DO **CHILE**

MOBILIÁRIO USADO

em todos os géneros, para todos os aposentos.

Temos moderno e antigo.

Temos mobiliário em todos os tamanhos e para todos os preços.

Na nossa casa compra o rico, o pobre e o remediado.

Também fabricamos qualquer modelo por encomenda e fazemos entregas ao domicílio.

VENDAS, TROCAS E COMPRAS DE MÓVEIS DE QUALQUER GÉNERO.

ANTIGUIDADES E TUDO DE VALOR.

A **Casa das Móveis Usadas** do Porto é na Travessa de Cedofeita, 46 — Telefone, 25756.

3605

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostes, espinhas, erupções ou ardência no pele.

A venda em todas as farmácias e drogarias

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Oenologia, Lda.*

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

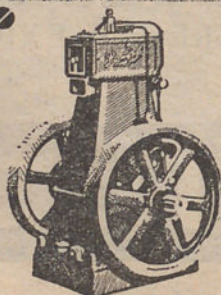
E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º

Telefones: 2.8011 - 2.8014

2860



Desde 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.^{da}
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

Lãs * Sedas
Algodões
Atoalhados
Malhas interiores
Malhas exteriores
Camisaria

V E N D E M O S M A I S B A R A T O

Armazéns Cunhas

P O R T O

E N V I A M O S S E M P R E A M O S T R A S S O L I C I T A D A S

8618

2735

Bosch

BOMBAS E INJECTORES
PARA TRATORES E SUA REPARAÇÃO
COM PEÇAS GENUINAS BOSCH

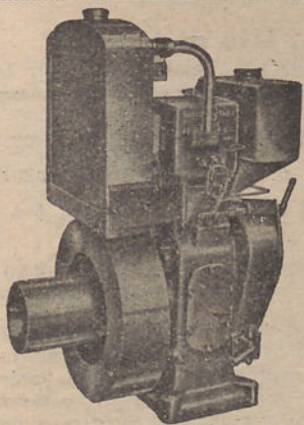
E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

PORTO

R. Faria Guimarães 883
R. Passos Manuel 30

LISBOA

112 Áv. Duque Loulé 120



Motor Diesel «A B C»

MOTORES a gasolina, a petróleo e a gasoil.

GRUPOS MOTO-BOMBAS para tirar água (de motor a gasolina e a petróleo).

MATERIAL VINÍCOLA — Esmagadores de uvas; Prensas para bagaço; Cinchos; Bombas de trasfega, etc., etc.

DESCAROLADORES do milho (manuais e para motor); Tararas e muito outro material agrícola.

Adubos — IMPORTADORES

SEMENTES das melhores procedências nacionais e estrangeiras, para horta, prado e jardim.

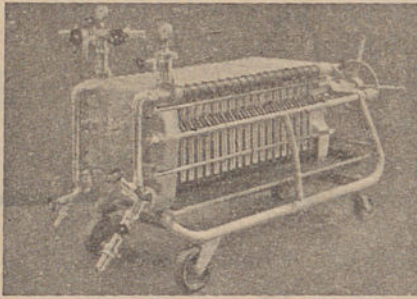
PEDIDOS AO

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Telefs. 25865/6 * R. Santa Catarina, 309—PORTO * Telegr. «Agros»

2747

Filtros Esterilizadores e Kieselgur — Amiantos e Placas — Bombas Reguláveis em Aço Inoxidável — Máquinas de Capsular, Encher, Lavar, Rolhar, Rotular e todo o material para caves.



SEITZ-WERKE G. m. b. H.

Representante em Portugal, Ilhas e Ultramar

H. W. DAEHNHARDT

Tr. do Almada, 20-2.º, Dt.º — Telef. 20891-33319 — LISBOA

Agente no Norte — **António G. Pinto de Freitas**
Largo de S. Domingos, 14-15 — Telef. 27350 — PORTO

3602

Dr. Asmático:
LIBERTE-SE DO MEDO
ÀS CRISES

USE **SEDO-ASMOL** E PODERÁ
FAZER UMA VIDA
NORMAL

AGORA:

MAIS ACTIVO
MAIS ESTÁVEL
MAIS BARATO

Preço, 18\$00



SEDO-ASMOL

2645

Os produtos da

UMUPRO

LYON — FRANÇA



HELICIDE GRANULÉ — Produto eficaz-
simo na extinção dos caracóis, à base de
metaldeído;

UMUCORTIL GRANULÉ — Para combate
aos ralos, à base de clordane;



são distribuídos em Portugal por

Ferreira, Rio & C.ª, L.ª

Rua do Almada, 329. 1.º — Telef. 23007 — PORTO

3189

Companhia Horticola-
Agrícola Portuense, Limitada
QUINTA DAS VIRTUDES
R. Azevedo de Albuquerque, 5 — PORTO



O Estabelecimento Horticola mais
antigo e completo da Península
FUNDADO EM 1849

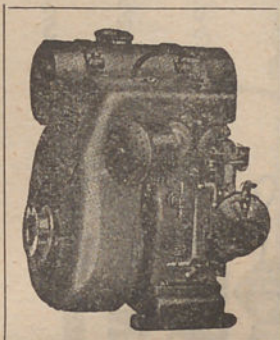
TELEFONE, 21682 : : : : :
TELEGRAMAS: «HORTICOLA — PORTO»

Adubos para todas as culturas — Fórmulas químicas e químico-orgânicas — Árvores florestais e de fruto — Oliveiras e Videiras — Distintas variedades, rigorosamente seleccionadas — Sementes de horta e forragens — Acabamos de receber dos nossos antigos fornecedores do Estrangeiro, verdadeiramente seleccionadas e com todas as garantias, sementes de Horta e Forragens, a preços razoáveis * Batata de semente — Anualmente importamos batata de semente, devidamente certificada, das : : : : : variedades mais produtivas e acreditadas no nosso País : : : : :
CATÁLOGOS GRÁTIS A QUEM OS REQUISITAR

2046

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

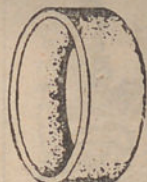
AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

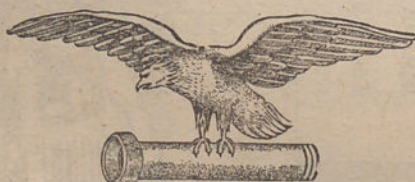
PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

3199



Argola para poços



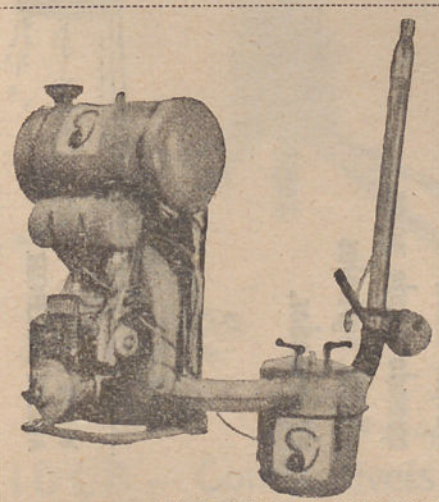
Tubos de cimento



Peças para mines

A INDUSTRIAL DO BARREIRO
VILA NOVA DE FAMALICÃO-Telef. 115

Fábrica de: Tubos de cimento para a condução de água a qualquer pressão, Blocos, Argolas para poços, Peças para mina, Postes para Iluminação Pública, Barricadas em cimento para sulfatação. Chamamos a atenção para as peças para minas, tubos e argolas de cimento, por ser um fabrico ainda bastante desconhecido e de duração sem confronto. Armazém de: Ferragens, Drogaria, Telha, Cimentos, Cal hidráulica, Cal gorda, Sal, Adubos químicos, etc.



« **A M I C A** »

o atomizador-polvilhador perfeito

4 técnicas de espalhamento:

- Atomização dos produtos em emulsão aquosa;
- Polvilhamento em névem com antiparasitários em pó seco;
- Polvilhamento a curta distância;
- Polvilhamento com pós humidificados.

ECONOMIZA: 20 % de substância activa; 90 % de água e 60 % de mão de obra.

Importadores exclusivos:

Sociedade Comercial Rex, Limitada

Rua Rodrigo da Fonseca, 91, 1.º
Telefs. 683994-687125 — LISBOA

3635

O grande auxiliar da Lavoura!

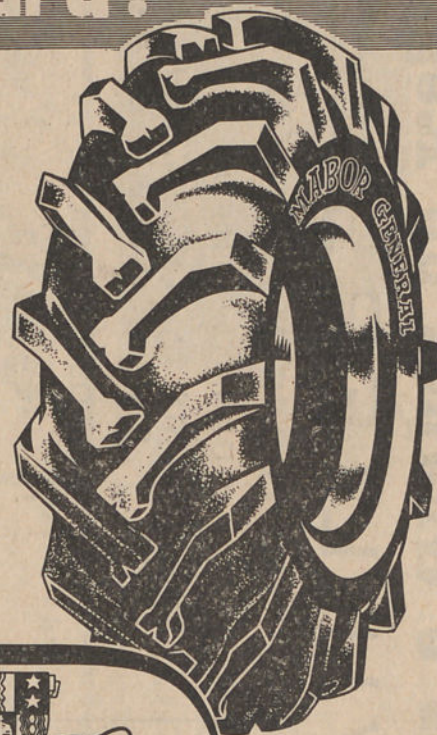
O pneu TRACTOR MABOR

de acção angular
assegura
tracção extra
quando usado pelas
alfaias agrícolas
do lavrador.

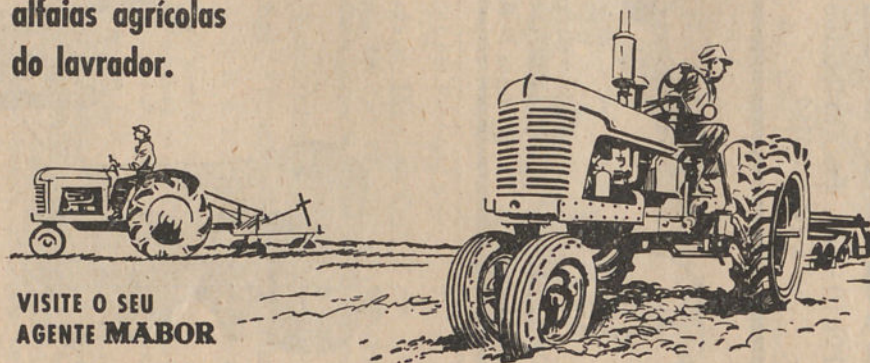
MELHOR
adaptação ao terreno.

MAIOR
quilometragem.

MAIOR
número de campanhas agrícolas.



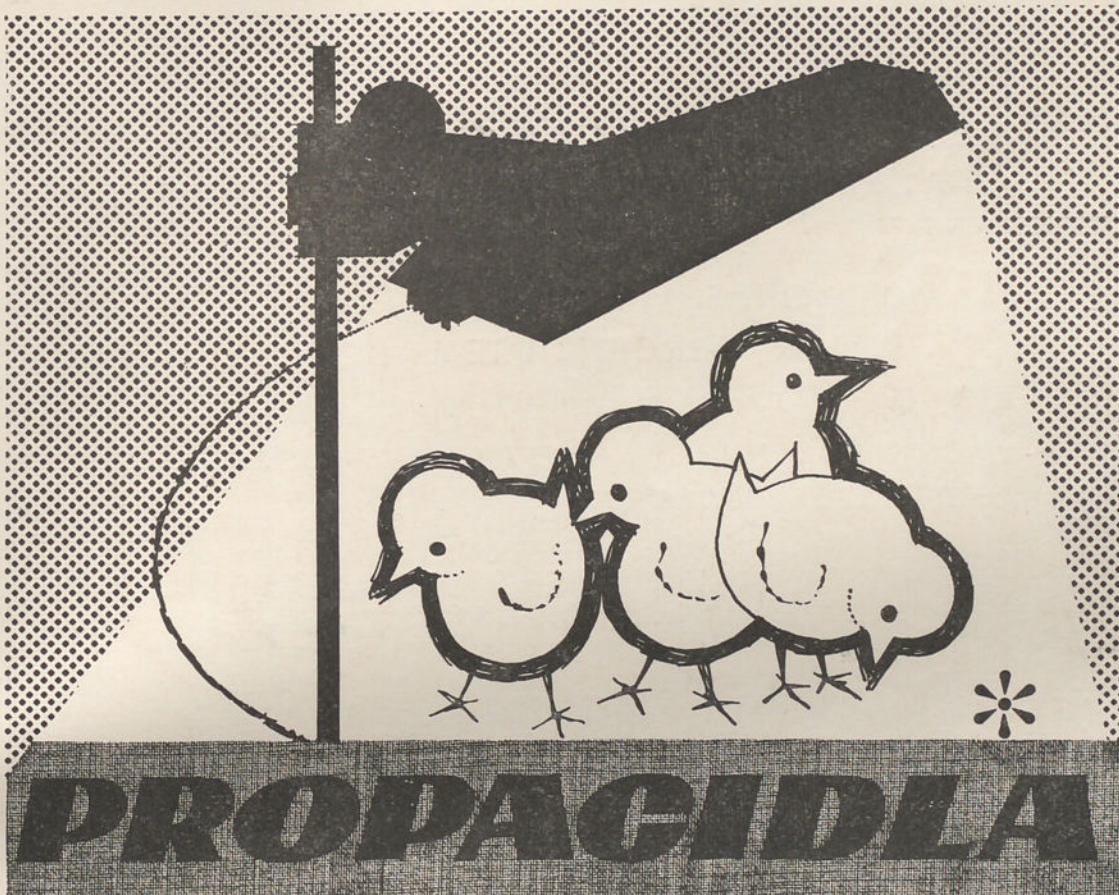
*-vão longe
para fazer
amigos*



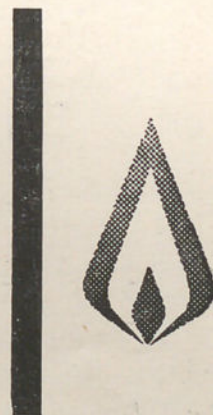
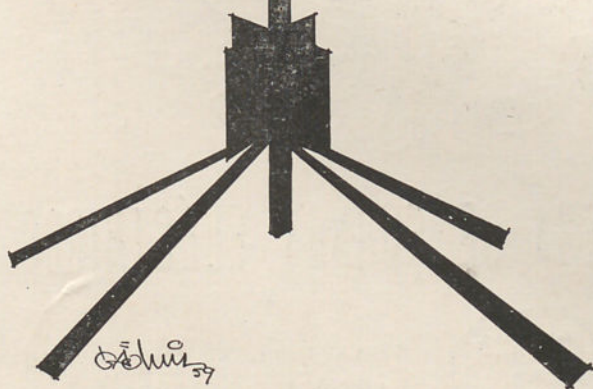
VISITE O SEU
AGENTE MABOR

Oiça o REPORTER MABOR todos os dias (excepto aos Domingos) em Rádio Clube Português Miramar às 14 e Parede às 18 horas.

36330



**criadeiras
para pintos**



No seu próprio interesse consulte a

3330

CIDLA — Combustíveis Industriais e Domésticos S. A. R. L.
L I S B O A P O R T O C O I M B R A

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

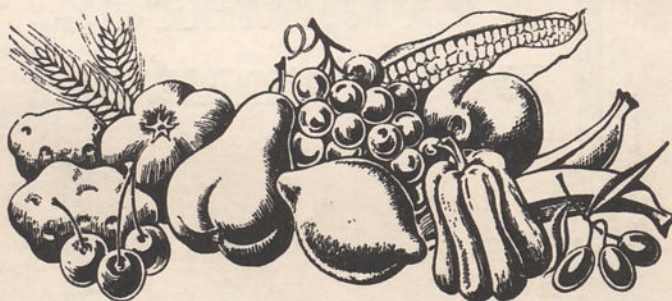
O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL

*OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:*

ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.

E AINDA

NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.
LISBOA—TELEFONE 368989

3165